

USP

INTEGRAÇÃO

Revista da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Número 3 | Fevereiro/2020

Camargo Guarnieri: de anfiteatro a centro cultural

▶ p.12

Entrevista

Programa Paideia

Computação e cidadania
para jovens de baixa renda

▶ p.22

Experiências

Jornada Científica

Em busca de melhores
condições de vida nas
comunidades

▶ p.40

Perfil

Cinusp Paulo Emílio

Um cinema diferente e
gratuito em São Paulo



Editorial

Neste número, a revista **USP INTEGRAção**, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), continua com o propósito de levar para a sociedade exemplos de ações concretas que vêm sendo desenvolvidas por diferentes unidades e órgãos de cultura e de ciência e tecnologia.

Assunto da **Reportagem de Capa**, o novo Auditório Camargo Guarnieri, depois de uma grande reforma, foi reinaugurado e é hoje um polo que abriga quatro órgãos culturais da PRCEU: orquestra (Osusp), coral (Coralusp), cinema (Cinusp Paulo Emílio) e teatro (TUSP).

Na **Entrevista**, a professora Tereza Cristina Melo de Brito Carvalho, da Escola Politécnica, fala sobre o programa Paideia, que oferece treinamento em computação para jovens de baixa renda, com foco humanista e de cidadania.

A **Reportagem** sobre a USP de Pirassununga registra duas experiências que interagem com a comunidade. Uma voltada para pets e outra para cavalos, animais que têm grande importância na economia de muitas cidades.

A professora Sabrina Epiphanyo, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, conta suas **Experiências** na Jornada Científica, que leva docentes e estudantes da área da saúde para várias cidades, com o objetivo de trabalhar com a comunidade local em prol da melhoria de suas condições de vida.

O **Ensaio Fotográfico** é sobre o Parque CienTec, museu interativo de ciências e educação ambiental. Esse registro revela surpresas em meio à natureza exuberante e preservada.

O **Perfil** desta edição presta uma homenagem ao Cinusp Paulo Emílio, que completou, em 2019, 25 anos. Sua origem, história, crescimento e características únicas são assuntos explorados, assim como curiosidades sobre como funciona o processo de curadoria de cada mostra.

Em **O que é energia eletrostática**, o professor Fuad Daher Saad, do Instituto de Física, explica o fenômeno e como as pessoas podem entendê-lo melhor vivenciando experiências proporcionadas em espaços da USP, como o Show de Física e o próprio Parque CienTec.

Democratizar para toda a comunidade as experiências e os resultados alcançados com os projetos implantados na esfera da cultura e extensão na USP é um dos principais propósitos que move a **USP INTEGRAção**.

Boa leitura!

Margarida Maria Krohling Kunsch
Diretora editorial

USP
INTEGRAção

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Pró-reitor de Graduação

Prof. Dr. Edmund Chada Baracat

Pró-reitor de Pós-Graduação

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Júnior

Pró-reitor de Pesquisa

Prof. Dr. Sylvio Roberto Accioly Canuto

Pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-reitora

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-reitora adjunta

Profa. Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch

Assessores técnicos de gabinete

Profa. Dra. Dionísia Aparecida Cusin Lamônica

Prof. Dr. Igor Studart Medeiros

Assistentes técnicos do gabinete

Cecílio de Souza

Flávia Vince

Chefe da Divisão de Comunicação Institucional

Michel Sitnik

Chefe da Divisão de Ação Cultural

Margarete Ramos

Chefe da Divisão Acadêmica

Marina Santos de Carvalho

Chefe da Divisão Administrativa e Financeira

Valdir Previde

USP INTEGRAção

Diretora Editorial

Profa. Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch

Editor

Michel Sitnik

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adriano Tech

Prof. Dr. Carlos Vicente Serrano Junior

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

Prof. Dr. Marcelo Bönecker

Profa. Dra. Maria Olimpia Rezende

Prof. Dr. Plínio Martins Filho

Jornalismo

Elcio Silva

Fabio Rubira

Sandra Lima

Projeto Gráfico

Camila Previato

Cecília Christine Handaya – apoio

Editoração Eletrônica

Camila Previato

Revisão de Texto

Priscila Conde

Foto da capa

Fernando Molina

Foto da contracapa

Marcos Santos/USP Imagens

Sumário

4 São Paulo ganha novo polo cultural

Inaugurado em 1975 como auditório para eventos, o anfiteatro Camargo Guarnieri ganha reforma com ampliação e modernização dos espaços e se transforma em centro cultural da Universidade disponível para a população.

12 Entrevista

Tereza Cristina Melo de Brito Carvalho apresenta o *Programa Paideia*, que capacita jovens de baixa renda para o trabalho em informática. A ação engloba não só o treinamento técnico, mas a cidadania e aspectos sociais.



Foto: Elcio Silva/PRCEU

18 Reportagem

USP em Pirassununga tem projetos para pets e cavalos



Foto: Sabrina Epiphânio

22

Experiências

Uma jornada pessoal na Extensão Universitária

28

Ensaio Fotográfico

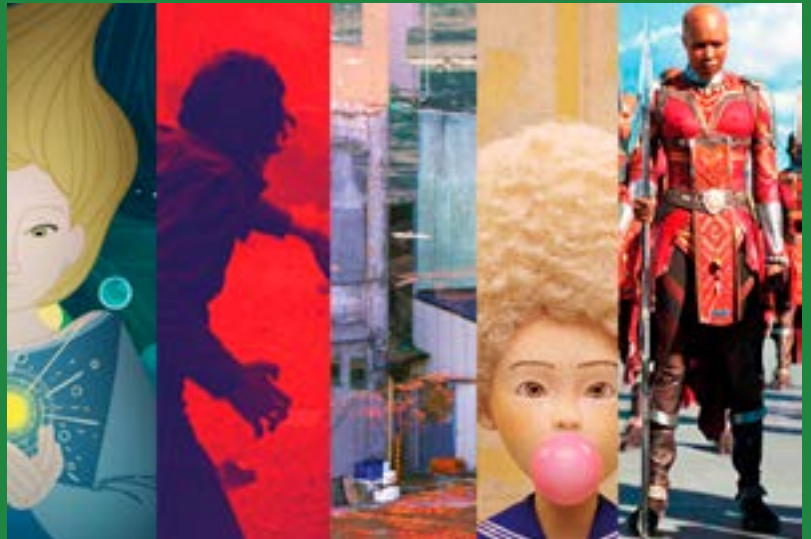
Parque CienTec



Foto: Michel Sitnik/PRCEU

40 Perfil

Da USP, mas aberto a todos – existe um cinema diferente em São Paulo



Arte: Camila Previato/PRCEU

52 O que é...

Energia eletrostática



Foto: Camila Previato/PRCEU

54 Agenda

Confira os destaques de fevereiro, março e abril das atividades oferecidas pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, seus órgãos e programas.



São Paulo ganha novo polo cultural

Com a reinauguração do anfiteatro Camargo Guarnieri, população terá acesso a atividades culturais de qualidade como música, teatro e cinema

Texto: Sandra Lima | Arte: Camila Previato

“Depois de um longo processo de reforma e ampliação, o anfiteatro Camargo Guarnieri está de volta à ativa e promete se tornar um polo cultural para a cidade.

O antigo anfiteatro de convenções e congressos da USP, inaugurado em 1975, tinha como propósito o incentivo da comunidade à cultura. Em 1995, passa a se chamar anfiteatro Camargo Guarnieri, em homenagem ao renomado compositor paulista e primeiro regente da Orquestra Sinfônica da USP (Osusp).

Em 2009, problemas nas instalações elétricas e infiltrações impediram o funcionamento do anfiteatro e deixaram a Osusp sem sede. No ano seguinte, a reitoria encomendou um estudo preliminar ao escritório Passeri Acústica e Arquitetura, com a missão de não apenas reformar o equipamento cultural, mas transformá-lo, abrigando o Cinema da USP (Cinusp), o Teatro da USP (TUSP) e o Coralusp, órgãos da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (PRCEU).

A pró-reitora adjunta de Cultura e Extensão Universitária da USP, Margarida Kunsch, salienta que há mais de oito anos os órgãos culturais funcionavam de forma fragmentada, em diferentes locais do campus e com limitações para ensaios e apresentações. “O objetivo foi transformar o anfiteatro em um centro cultural que possa de fato oferecer à comunidade USP e à sociedade mais opções de acesso à cultura e às artes, com programações semanais e que entrem no calendário cultural da cidade de São Paulo. Queremos dar mais visibilidade aos muitos investimentos que a USP destina para a cultura”, explica.

Por tratar-se não só de uma reforma, mas de uma ampliação, a obra tornou-se complexa. “Além da reforma, foi uma grande ampliação do anfiteatro, que incluiu a área

administrativa dos órgãos envolvidos, salas de ensaio para o coral e a orquestra, sala para os naipes da orquestra (cordas, madeiras, metais e percussão)”, conta o arquiteto da Superintendência do Espaço Físico (SEF), Paulo Bernardelli.

A nova demanda envolveu desafios. O arquiteto Lineu Passeri, responsável pelo estudo preliminar, lembra que havia duas soluções para o pedido. A primeira seria transformar o anfiteatro numa sala multiuso, dotada de recursos cênicos e acústicos móveis para receber as atividades do cinema, da orquestra e do teatro. “Esta opção traria uma enorme dificuldade futura à USP, com a necessidade constante de manutenção e atualização dos recursos técnicos e tecnológicos. Assim, minha sugestão foi a criação de ambientes específicos para cada atividade artística”, explica.

Definido o rumo a tomar, vieram as primeiras dificuldades para a elaboração do estudo. No prédio original, em formato de trapézio, havia a limitação do palco – principalmente em suas laterais, com duas grandes empenas de concreto. Qualquer tentativa de alargamento dessas laterais, implicaria na derrubada do prédio. “A ideia era manter o prédio, valorizando aspectos já bem adequados ao seu formato: a curvatura da plateia e a curva de visibilidade. Então, optamos apenas em acrescentar os novos serviços, construindo ao lado da sala principal corredores como rota de fuga e acesso às novas salas”, salienta Passeri.

Ao trilhar um caminho contrário à sala multiuso, o novo anfiteatro traz uma sala de concertos, dedicada à música – coral e orquestra – com mínimo de variabilidade acústica (apenas a possibilidade de diminuir ou elevar o forro do palco para melhorar a dispersão sonora em relação à plateia, dependendo do espetáculo). Também ganha





Orquestra Sinfônica da USP em apresentação no Anfiteatro Camargo Guarnieri após as obras de reforma e ampliação.

com a ampliação mais duas salas: a de cinema e a do teatro.

Para se chegar ao modelo final do estudo preliminar, o escritório de arquitetura entrevistou os representantes da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, os diretores dos órgãos envolvidos – Osusp, TUSP, Cinusp e Coralusp – que também responderam a questionários com as necessidades de infraestrutura atuais e futuras para possíveis ampliações.

Em 2011, iniciou-se o processo de licitação para a contratação de empresa para o projeto executivo, tendo como base o estudo preliminar aprovado, para detalhamento das instalações elétricas, hidráulicas, estruturas de concreto, fundações, estruturas metálicas, orçamento, ar-condicionado, além da acústica, sendo ganhadora a Passeri Acústica e Arquitetura. A partir daí, houve a contratação da construtora que, no entanto, não concluiu a obra a contento, sendo esta concorrência cancelada.

Neste meio tempo, algumas adaptações foram realizadas no projeto, como a construção do mezanino na sala de cinema para ampliação de sua capacidade, e a USP abriu nova concorrência para a empresa que levantou e cobriu as novas alas do prédio, a partir de 2013.

No início da nova gestão da universidade, em 2014, e com as dificuldades financeiras da instituição, os contratos de construção e reforma foram revistos e a obra ficou parada. Em 2015, uma nova licitação do remanescente das obras foi realizada com a contratação da construtora Molinari, e o anfiteatro foi inaugurado em dezembro de 2018, com apresentação especial da Orquestra Sinfônica da USP (Osusp), do Grupo Sestina do Coral da USP (Coralusp) e do Coro de Câmara Comunicantus, da Escola de Comunicações e Artes (ECA).

A gestão predial e da sala de concertos será feita pela equipe da PRCEU, enquanto que as salas de cinema e a de teatro serão administradas pelos respectivos órgãos – Cinusp e TUSP.



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

TUSP: aproximação com o teatro universitário

Um espaço multiuso para 70 pessoas, que permite várias configurações para montagens de espetáculos como palco elisabetano (espaço fechado retangular onde o público o circunda em três lados), palco italiano (disposição frontal de palco e plateia) ou de arena (círculo situado no centro da plateia em que o público se senta em arquibancadas ao redor) é a mais nova sala do Teatro da USP (TUSP).

O diretor do TUSP, Sergio de Carvalho, elogia a nova sala e analisa que terá a função de complementar o trabalho do órgão e se voltar ao teatro feito dentro da universidade. “Além da Escola de Comunicações e Artes (ECA) e a Escola de Arte Dramática (EAD), a USP congrega vários grupos de teatro amador, feito nas unidades. Há uma demanda por espaços formativos e para apresentação desses grupos”, explica.

Para atender a essa demanda, Carvalho conta que a ideia é formar um conselho com representantes dos grupos amadores da USP para planejar as atividades, por meio

de editais. “Esse novo espaço permite o estreitamento do diálogo com a produção que existe na universidade, além de atender às necessidades dos grupos”, ressalta.

A inauguração da sala está prevista para o primeiro semestre de 2020, com uma programação ao longo da semana que será escalonada com os demais órgãos que ocupam o anfiteatro. Para operar em sua capacidade plena, serão feitos ajustes nos equipamentos e nas instalações, como a compra de cadeiras para a plateia, equipamentos de som para os espetáculos, proteção para os técnicos para a montagem da iluminação e bancadas para os camarins.

“Será fundamental que a USP tenha uma política de funcionamento especial do campus aos finais de semana, facilitando a mobilidade e o acesso ao campus”, destaca Carvalho. Para ele, há uma demanda da comunidade universitária por um polo cultural que ofereça atividades gratuitas e de qualidade, e a região oeste também carece desses equipamentos. “Além dos moradores dos arredores, o anfiteatro também poderá



Um novo Camargo para novas experiências

A reforma e a ampliação do auditório permitirão ao visitante o acesso a várias linguagens artísticas em um só espaço, com uma infraestrutura privilegiada.

ANO DO PROJETO

1973

INAUGURADO EM

1975

ÁREA TOTAL DE

2.830,25

METROS QUADRADOS

CAPACIDADE DE

380

LUGARES EM UM
ÚNICO AMBIENTE



INSTALAÇÃO DE
1.784
METROS QUADRADOS DE **FORRO**
E **REVESTIMENTO ACÚSTICOS**

6
NOVAS
SALAS DE ENSAIO

NOVA SALA DE TEATRO
COM CAPACIDADE PARA
ATÉ
70
LUGARES E ESTRUTURA
FLEXÍVEL PARA DIVERSAS
MONTAGENS

**NOVA SALA DE
CINEMA** COM
156
LUGARES

POSSIBILIDADE DE USO
SIMULTÂNEO DAS SALAS
COM A INSTALAÇÃO DE

39
PORTAS ACÚSTICAS

criação de
5
ESPAÇOS PARA
ARMAZENAGEM DE
INSTRUMENTOS,
CENÁRIOS, FIGURINOS E
ARQUIVOS

3
FOYERS

CAPACIDADE DE
435
LUGARES
NA SALA PRINCIPAL

INCLUSÃO DE
ACESSIBILIDADE

2
SALAS DE APOIO A
EVENTOS

INAUGURADO EM
2018

ÁREA TOTAL DE
5.450,50
METROS QUADRADOS

10
NOVAS
**SALAS DE PRODUÇÃO
E ADMINISTRAÇÃO**

10
NOVOS
CAMARINS



Após as obras de reforma e ampliação, o espaço se tornou um polo cultural multiuso. Foto: Fernando Molina

oferecer atividades em horários alternativos – como a hora do almoço ou final da tarde – em que docentes, funcionários e alunos possam usufruir desses eventos”, destaca.

Carvalho também pondera que o TUSP tem, como missão primordial, se voltar para a sociedade, e sua localização na rua Maria Antônia é decisiva para cumprir esse papel. Em 2020, além da sala no anfiteatro Camargo Guarnieri, na Cidade Universitária, o TUSP também inaugura o teatro, que passou por uma reforma em 2019, na região central de São Paulo.

Osusp: de volta para casa

Depois de aproximadamente 10 anos da interdição do anfiteatro, a Orquestra da USP (Osusp) volta para casa. Desde a sua fundação, em 1975, a Osusp ocupava o anfiteatro Camargo Guarnieri onde ensaiava, se apresentava e mantinha a série de concertos aos sábados à tarde.

Mayra Moraes, vice-diretora da Osusp, está feliz com a acústica do novo espaço: “está gostoso de tocar”, e já faz planos de retomar a programação aos sábados, quando as famílias

da região se reuniam para assistir aos concertos com a visão do pôr do sol da Praça do Relógio na Cidade Universitária. “Existia um público cativo que vinha uma ou duas vezes por mês para assistir aos concertos da Osusp aos sábados à tarde, e que poderá voltar. Queremos também formar novo público”, enfatiza.

Para ela, a população da região oeste procura atividades culturais e o novo espaço pode concentrar diversas linguagens para todos os gostos. “Com os quatro órgãos, a USP poderá manter uma programação intensa e regular, e mostrar sua produção à comunidade”, salienta.

Com 39 músicos em sua formação, a Osusp manterá a parceria com o auditório do Centro de Difusão Internacional (CDI), para a execução de obras para grandes orquestras, e a continuação da série de ensaios abertos que acontecem às sextas-feiras, geralmente na véspera das apresentações na Sala São Paulo. O anfiteatro Camargo Guarnieri, por sua vez, abrigará a Osusp, seus ensaios, a equipe administrativa e os concertos para obras de grupamentos menores a partir do primeiro semestre de 2020.



Neste momento, a Osusp mantém reuniões com o Coralusp, para o planejamento do uso das salas de ensaio e do palco da sala de concerto.

Coralusp: concertos aos finais de semana

Em fase de mudança, o Coralusp ganhou uma nova casa, e pode comemorar. Por muito tempo, os grupos ficaram espalhados em diferentes unidades, e a equipe administrativa ocupava um dos favos nas Colmeias. Agora, 8 dos 14 grupos do Coralusp devem utilizar o anfiteatro como local para ensaios a partir de 2020.

Eduardo Fernandes, diretor artístico do Coralusp, conta que a equipe e os cantores dos grupos estão ansiosos para ocupar o novo espaço cultural. “A acústica da sala de concerto é ótima, muito adequada para o canto coral. A capacidade de público não é acanhada – tem mais de 400 lugares – e é ideal para a apresentação dos grupos”, explica.

Além da sala principal para concertos, o anfiteatro abriga 6 salas de ensaio, com ar-condicionado e com revestimento acústico. Segundo Fernandes, “o maior desafio agora é o gerenciamento das salas que compartilharemos com a Osusp. Vamos aprender a conviver com os outros órgãos e como se dá na prática essa gestão. É um luxo termos essas salas de ensaio, com tudo novo”.

A proximidade com os outros órgãos da PRCEU, mais especificamente com a Osusp, permitirá a ampliação de parcerias em atividades conjuntas. Diferentemente da Osusp, que tem em seus quadros, músicos profissionais, o Coralusp tem regentes profissionais e é formado por cantores amadores, vindos da sociedade, e da comunidade universitária – alunos, ex-alunos, funcionários e docentes, que cantam em horários alternativos, como almoço, período da noite e finais de semana. “A intenção é que os concertos aconteçam também nesses horários alternativos – noites e finais de semana – atraindo a população da região, comunidade da USP, bem como os atletas que usam o campus para suas atividades esportivas”, salienta.

Ele destaca que é necessário um esforço conjunto da administração da universidade

para permitir o acesso do público ao campus aos finais de semana. “Temos um histórico de apresentações no anfiteatro – antes da reforma – com lotação de público. Acredito que a divulgação será primordial para criar o hábito de assistir concertos e reconquistar o público que frequentava o equipamento”.

Cinusp: ampliação do público de cinema

Em setembro de 2019, o Cinema da USP Paulo Emílio (Cinusp) abriu sua nova sala de exibição no anfiteatro Camargo Guarnieri, com uma mostra de filmes taiwaneses em parceria com o escritório cultural e comercial de Taipei em São Paulo. Com obras de cineastas raros e um filme em realidade virtual, o Cinusp ocupou as três salas – de concerto, de cinema e o teatro –, atraindo um público estimado em 400 pessoas na cerimônia de abertura.

Já instalado na nova sede, com a equipe administrativa, o Cinusp está em fase de compra dos equipamentos – desde a tela, projetor DCP de última geração, até equipamento, monitoração e regulagem de som. O diretor do órgão, Cristian Borges, conta que acompanhar o andamento da obra desde o início evitou muitos problemas, e prevê o começo das atividades regulares no primeiro semestre de 2020. “Além de uma sala com cara de cinema, contamos agora com sala de depósito de arquivos e sala de edição. Todos os eventos são gravados, editados e colocados à disposição para o público no site do Cinusp”, salienta Borges.

O Cinusp mantém uma programação diária gratuita de fevereiro a dezembro, realizando, além das mostras, eventos paralelos, como debates, palestras e cursos. “Pretendemos manter a sala antiga nas Colmeias para aprimorar o oferecimento de cursos, palestras, oficinas, e ainda ampliar o projeto de formar público junto às escolas públicas de ensino fundamental e médio”, enfatiza o diretor.

Borges acredita que a nova sala com acesso facilitado, ao lado do restaurante central, e do conjunto residencial da USP (Crusp), poderá atrair o público da comunidade universitária e da região oeste, mas pondera que é “necessário pensar na logística e na dinâmica de acesso ao prédio para não perder público”.



Tereza Cristina Melo de Brito Carvalho, professora da Escola Politécnica e idealizadora do Programa Paideia

Por: Fabio Rubira

Engenheira com graduação, mestrado e doutorado pela Escola Politécnica da USP, a professora Tereza Cristina Melo de Brito Carvalho cursou também o prestigiado Massachusetts Institute of Technology (MIT). Na Universidade Estatal de São Petersburgo, na Rússia, fez uma especialização em psicologia, com foco em liderança humanista. E, em 2019, concluiu uma nova graduação, tornando-se bacharela em ontopsicologia.

Criadora e coordenadora do Laboratório de Sustentabilidade (Lassu) da Poli, idealizou o *Programa Paideia*. A inspiração foi o conceito grego de educação, privilegiando aspectos de “humanismo e cidadania”.

Qual a proposta e como nasceu o Programa Paideia?

O *Paideia* surgiu da ideia de aumentar a empregabilidade de jovens de baixa renda e criar o conceito de cidadania.

Inicialmente, nós tínhamos um programa aqui na Escola Politécnica voltado aos catadores de materiais recicláveis. E a experiência foi muito boa. Desse programa, realizado de 2011 a 2015, vimos que seria interessante fazer isso não só com os catadores, que, a propósito, têm toda uma dificuldade que é, justamente, vir assistir aula aqui na USP e ter que parar de trabalhar. E daí, é necessário um patrocínio alto, porque eu tenho que dar uma remuneração para eles.



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Então eu falei: por que não estendemos isso e fazemos para jovens de baixa renda?

A princípio, seria um curso para trabalhar com resíduos eletroeletrônicos, porque temos o Cedir (Centro de Descarte e Reúso de Resíduos de Informática) da USP. Mas vimos que a indústria de reciclagem de resíduos eletroeletrônicos ainda estava muito incipiente no Brasil.

Então, resolvemos entrar na área de tecnologia da informação (TI), já que nesse mercado existe uma falta absurda de profissionais. Dessa forma, o curso hoje é voltado para formar o jovem em programação, mas também damos a parte de infraestrutura de hardware. Eu diria que com um foco maior em software, porque é o que o mercado está pedindo. Assim, elegemos como linguagem de programação o Python. O projeto de formatura, vamos dizer assim, o trabalho de conclusão de curso deles vai ser na linha de big data, que é um assunto também extremamente procurado no mercado. Portanto, nosso objetivo é aumentar a empregabilidade desses jovens.

Como é a estrutura acadêmica do curso?

O curso é totalmente presencial, com carga de 360 horas e conteúdo que vai além das disciplinas da área de tecnologia da informação (TI). Ensina ética, cidadania,

matemática financeira, empreendedorismo e negócios socioambientais. O curso é gratuito, já que o público-alvo são jovens de 16 a 20 anos de baixa renda familiar.

Qual a origem do nome?

“Paideia” vem da Grécia, onde eles já treinavam os jovens para um sentido de cidadania. Nosso programa se organiza em três trilhas [eixos programáticos]. Não ensinamos apenas computação. Damos programação e infraestrutura de computação, mas também orientação profissional, empreendedorismo, introdução à sustentabilidade – e quem dá essa disciplina sou eu. Falo de sustentabilidade ambiental, social e econômica. Há uma aula em que falo sobre sustentabilidade do ser, pois precisamos cuidar de nós mesmos e daí entra a questão de cidadania.

Começamos também uma experiência com música, por meio da Escola de Comunicações e Artes (ECA). Sentimos que uma das dificuldades deles é com matemática. Se você ensina música, dá maior facilidade para eles aprenderem matemática. Por isso, neste ano fizemos uma aula extra, de música computacional. E a ideia é incorporar isso ao programa.

Quais os apoios para a concretização do Paideia?

A ideia desse programa é que as crianças

venham assistir as aulas. Se a criança pudesse pagar, ela pagaria. Mas, tipicamente, são jovens carentes. Então, eles trazem um comprovante [de renda].

Mas nós temos os parceiros do *Paideia*. Já tivemos uma empresa recicladora urbana. Neste ano estamos com outra empresa que contribui com uma mensalidade, como se estivesse financiando uma ou duas crianças.

Porque uma das coisas que as crianças têm muita dificuldade é com o custo de condução. Por isso, precisamos de dinheiro não somente para pagar os professores, porque temos professores remunerados – são 50% da USP e 50% do mercado e também para a ajudar as crianças.

Então, a gente reverte um pouco nisso. O que a USP tem nos ajudado muito, via Superintendência de Assistência Social (SAS), é permitindo que esses alunos usem o bandeirão por 2 reais. Você não sabe como isso ajuda! Porque são duas coisas que precisamos cuidar: a questão de como trazer a criança até aqui e a alimentação dela.

Temos também a compra de equipamentos. Agora, por exemplo, as crianças vão fazer esse projeto de formatura usando Arduino [plataforma de hardware e software livre, de grande aplicação em robótica]. Então, usamos



Professora Tereza Cristina com seus alunos numa das aulas do *Paideia*. Foto: Elcio Silva/PRCEU



Jamilly, uma das alunas do *Paideia* já pensa em que carreira seguir. Foto: Elcio Silva/PRCEU

essa verba para eles poderem estar sempre trabalhando com tecnologia de ponta, já que o mercado quer esse profissional.

Como foi composta e qual o perfil dessa segunda turma do Paideia?

Temos um processo de seleção, com provas de matemática e português.

Na primeira turma, tivemos poucos alunos. Foram 23. E no final ficaram uns 15. Daí vimos, já nessa primeira turma, que um dos problemas era a condução.

Nesta segunda turma, incrivelmente se inscreveram 70 crianças e 30 foram aprovadas.

Mas eu já tinha uma parceria com uma organização não-governamental de Embu-Guaçu [região metropolitana de São Paulo]. Ficamos com 10 crianças selecionadas pelo nosso processo e 40 crianças de Embu. Um empresário financia a condução para elas.

Infelizmente ficaram 30 crianças sem vaga. Então, para 2020, estou discutindo com os professores a possibilidade de ter duas turmas, já que existe essa demanda.

Nessa área de exatas, computação e afins, é comum ter mais rapazes. Como é no Paideia?

Temos cerca de 30% de meninas. Mas a primeira turma tinha apenas uma. Então, na prática, estamos meio que forçando a porcentagem de meninas.

Qual a sua satisfação, diante de todo o trabalho e dedicação, de ver uma segunda turma do Paideia se formando?

Eu fico até emocionada. [Voz fica embargada e lágrima escorre do olho] Porque é muito bonito ver como eles chegam e como saem. Existe, de fato, uma transformação. Na primeira turma, a gente era muito próximo porque restaram só 15 pessoas. Então, essa transformação deles ficou muito nítida para nós. Eles começam a se apoderar da própria vida!

Há crianças que, quando chegam, não se sentem com o direito de fazer parte das coisas. O jovem não se sente protagonista da própria vida. A questão de inteligência não tem nada a ver se é carente ou se não é carente. A inteligência todos têm. Muitos jovens precisam que você abra uma porta, pois eles querem estudar, querem trabalhar.

Essas empresas que patrocinam o programa vão poder escolher os dois melhores jovens, por exemplo, para trabalhar nelas.

Estamos fazendo outra parceria com uma fundação que conseguiu 12 bolsas na FIAP (Faculdade de Informática e Administração Paulista), que é muito forte em TI. Então, ou eles vão arranjar emprego ou vão fazer faculdade.

E depois, o nosso sonho, uma vez que eles façam faculdade, é que eles voltem e concorram a bolsas para fazer MBA na USP. Ou seja, é empenho isso. Vislumbrarem um novo mundo.

Como a sra. espera que o Paideia esteja daqui a 10 anos?

Eu vejo que muitos jovens no Brasil não têm muito incentivo para pesquisa. Aqui estamos falando, por enquanto, de colocá-los no mercado de trabalho e incentivá-los a cursar uma universidade.

Mas eu gostaria também de incentivá-los a fazer pesquisa. Porque eu acho que é pesquisa que traz o desenvolvimento para o país.

Nessa turma eu já identifiquei um aluno que vou puxar para uma bolsa de pesquisa. Porque ele é bom demais. E no ano que vem vai tentar fazer vestibular para USP. Daí, se ele de fato entrar, vou ver se consigo uma bolsa de iniciação científica. Porque a pesquisa dá a oportunidade de inovar, de fazer coisas muito diferentes.

O meu sonho é evoluir esse programa não só para formar profissionais de mercado, mas formar também pessoas que possam fazer pesquisa.

E, claro, obviamente, como eles têm outras necessidades, vão surgir pesquisas de inovação social. O que faz muito sentido no contexto do Brasil que a gente vive.



A revista **USP INTEGRAção** participou, numa tarde de sexta-feira, de uma das aulas do *Paideia* na Escola Politécnica da USP. Acompanhe abaixo os depoimentos colhidos pelo repórter Elcio Silva.

“O curso foi maravilhoso. Aprendi Python e muitas outras coisas de programação. Foi algo inovador na minha vida, melhorou o jeito que eu via o mundo. Quero aplicar todas as matérias que vi aqui, principalmente empreendedorismo, pois pudemos nos expressar de uma maneira melhor. Quero criar algo que realmente mude o nosso futuro. Pretendo fazer faculdade aqui na USP. Psicologia, direito ou alguma área que aplique programação, como mecatrônica”.

Jamilly Cristina da Silva Brito, 16 anos

“Esse projeto *Paideia* da USP é transformador! Porque muda as nossas perspectivas de carreira e profissional. É um curso muito importante para nós jovens, ainda mais periféricos, por nos trazer oportunidades que não são rotineiras. Eu sou morador da zona sul e não sabia sobre tecnologia da informação (TI) porque não tinha informações a respeito. Aqui tivemos aula de sustentabilidade e de data science, que é um ramo de TI muito interessante com grandes perspectivas no mercado de trabalho. Espero, no futuro, ser um cidadão crítico com noções de ética, cidadania e sustentabilidade. E que todos os jovens possam ter oportunidades assim”.

Jhonny Amorim Silva, 18 anos

“A primeira vez que vim para a USP foi para iniciar esse projeto que conheci por meio de uma ONG da cidade de Embu-Guaçu. E foi muito bom porque agregou uma visão sobre tecnologias, que eu não conhecia, e também sobre sustentabilidade. O curso me ajudou muito com matérias que me abriram os olhos para outras áreas. Para o futuro, espero me formar em engenharia mecatrônica e trabalhar na área de robótica desenvolvendo exoesqueletos robóticos, mas ainda dentro da mecatrônica”.

João Víctor Pessoa Queiroz, 17 anos

“O projeto entrou na minha vida de uma forma muito aleatória. Eu estava na escola e um professor explicou que teria uma oportunidade na Escola Politécnica da USP. E eu vim! Não tinha a ideia do que realmente era o projeto nem nunca tinha tido nenhum contato com nenhum espaço universitário. Vim pela oportunidade. Dei de cara com uma ideologia linda que mudou a minha forma de pensar e de ver o mundo. E tirou qualquer limitação que eu poderia ter. Para o futuro, quero prestar vestibular para todas as universidades possíveis. E quero entrar na USP! Quero cursar astrofísica ou física quântica”.

Beatriz dos Santos Mesquita, 15 anos



Conheça o novo portal **cultura.usp.br**

e fique por dentro das
atividades culturais da
USP abertas ao público

USP em Pirassununga tem projetos para pets e cavalos

Trabalhos de campo orientam sobre câncer em cães e gatos e prestam atendimentos a cavalos de famílias carentes

Texto: Fabio Rubira

Criada há 27 anos, a Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos (FZEA) da USP em Pirassununga orgulha-se por promover diversas ações de extensão universitária, mantendo a devida atenção aos outros pilares acadêmicos de ensino e pesquisa.

Há oito anos, o *Projeto Carroceiro* trabalha com um alvo específico: assistência veterinária gratuita para cavalos que puxam carroças. São veículos que seguem muito utilizados no interior do estado (SP) como fonte de subsistência.

Tratar das enfermidades destes animais, conscientizar seus proprietários e capacitar os estudantes a partir de enriquecedores trabalhos de campo consolidaram a iniciativa. Que precisou ser ampliada.

“Muitas pessoas que têm seus cavalos, mas que não são usados para tracionar carroças, passaram a buscar nossos atendimentos”, explica Renata Gebara Sampaio Dória, idealizadora e coordenadora do projeto. “Mas isso fugia dessa ideia de promover assistência a quem sobrevive da atividade de carroceiro.”

Por que não, então, criar um outro trabalho de extensão? Assim foi feito com o Amigos do Cavalo. O objetivo, novamente, foi priorizar animais cujos tutores são carentes de recursos financeiros e conhecimentos adequados de manejo. Circunstâncias que se tornam frequentes com a cultura local de possuir um “cavalinho ou égua para passear aos finais de semana”, conta a professora.

“Em muitos bairros as famílias compram esses animais e os mantêm em baias alugadas. São cocheiras de baixo custo. Muitas com alimentação e estrutura inadequadas”, explica Renata. “A ideia foi essa:

ir com os alunos nesses lugares e ensinar manejos sanitário e nutricional.”

O trabalho de campo dos universitários, sem custo para os proprietários, é intenso. “Os cavalos costumam ser alimentados com cana-de-açúcar junto com capim. Mas a cana acaba com os dentes deles! Então, são animais magros, porque têm problemas de dentição, além de uma nutrição não adequada.”



Muitos dos tratamentos são de odontoplastia, técnica recorrente na área para retomar o equilíbrio da oclusão (mordida). Além da devida orientação alimentar. “Explicamos que não é adequado dar cana aos animais. Apenas capim. Muitos também usam apenas milho. Mas só o milho na alimentação é melhor não dar. O certo é alimentar com ração, que é mais completa e balanceada”, detalha a coordenadora.

Diagnósticos e intervenções imediatas também são comuns nas aulas externas. “Pegamos todo tipo de afecção. Vermifugamos cada um dos animais. Olhamos como é a limpeza da baia, se o cocho tem água suja. Cavalos não bebem água suja”, ensina Renata. “Deixamos todas essas orientações por escrito.”

Alguns casos clínicos surpreendem até os pós-graduandos mais experientes, que monitoram as equipes. “Certa vez, em um dos atendimentos, uma criança apareceu com

uma égua que o avô tinha recebido numa troca”, recorda-se a professora. “Essa égua, constatamos imediatamente, estava com a vida comprometida”. Os estudantes passaram a tratar das feridas do animal. “Logo depois, porém, as autoridades de proteção animal tomaram a égua do proprietário. E, há seis meses, ela está na nossa posse para cuidados. Já está gordinha, mas tem um melanoma, um tumor, que precisa de curativos. É um animal que não vai ter sobrevida longa, mas já faz dois anos desde o atendimento inicial”, afirma Renata.

Além desta égua, batizada de Esperança, há mais três animais recolhidos sob a guarda da FZEA: as fêmeas Champanhe e Ketlin e o macho Pirata, cego de um olho por causa de um tumor não tratado. O acordo firmado com o Conselho Municipal de Bem-Estar Animal é que todos sejam doados após receberem alta médica.



Foto: Marcos Santos/USP Imagens



Projeto Amigos do Cavalo presta assistência veterinária gratuita a cavalos. Foto: Divulgação/Projeto Amigos do Cavalo

Sentimento de satisfação

As orientações e atendimentos desenvolvidos pelo projeto *Amigos do Cavalo* são recebidos com entusiasmo pela população de Pirassununga, em reconhecimento que serve de motivação. “É bem satisfatório porque ajudamos os alunos, os proprietários e os cavalos”, resume a coordenadora Renata Gebara Sampaio Dória, que ingressou na FZEA em 2011 e é responsável pela disciplina Clínica Médica e Cirúrgica de Equinos.

Os estudantes valorizam a experiência. Nos três anos do trabalho de extensão, iniciado em 2017, participaram 180 graduandos. Muitos “perdem o medo de contato com cavalos”, afirma a professora. Já os tutores “ficam satisfeitos e aprendem muito também, dentro do custo que eles podem arcar com os tratamentos”. Para tanto, são feitas parcerias pontuais com empresas veterinárias para a doação de medicamentos. Além de apoios institucionais, como o recebido por meio do 3º Edital Santander/USP/FUSP de Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão.

“Queremos manter o projeto ativo, em funcionamento”, planeja a coordenadora, que faz questão de citar nominalmente os funcionários da FZEA Cláudia Aparecida Scatolini Bonato Pavão e Neimar Ferreira dos Santos. “O projeto acontece porque eles deixam tudo prontinho para a saída das aulas práticas”, agradece.

Prevenção e orientações sobre câncer em cães e gatos

Projeto de extensão bastante valorizado na Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos (FZEA) da USP em Pirassununga, o *CãoCER* dedica-se a informar e orientar a população sobre casos de câncer em animais de estimação.

A enfermidade, que assusta os seres humanos, também tem incidência significativa entre os pets. Estima-se que o câncer seja responsável por metade das mortes de cães ou gatos que passam dos 10 anos de vida.

O trabalho busca conscientizar sobre as formas de detecção da doença, visando o diagnóstico precoce. O coordenador, professor Heidge Fukumasu, comemora os resultados das diversas ações realizadas desde 2010. “Em análises nas atividades de campo, chegamos a ver animais com neoplasias que nem os próprios donos suspeitavam. Ao apalpar o animal, no diagnóstico veterinário breve, pudemos detectar e explicar a situação.”

Casos que se revelaram frequentes. “Muitas vezes as pessoas não sabem que animais também podem desenvolver câncer. Além disso, não sabem que existem formas de tratamento. Há 15 ou 20 anos a indicação do veterinário era, na maior parte das vezes, de eutanásia. Atualmente existem opções terapêuticas que aumentam a sobrevida do animal e boas possibilidades de cura”, detalha Fukumasu.

Para tanto, diagnóstico precoce é fundamental. Machucados que não cicatrizam, sangramentos, caroços na pele, dificuldade ou recusa em se alimentar, tosse contínua ou rouquidão são sintomas que merecem atenção.

Em cadelas, o câncer de mama é o mais frequente no Brasil. E isso, segundo o professor, pelo baixo número de cirurgias de castrações em fêmeas ainda jovens, quando são extraídos os órgãos reprodutivos como útero e ovários. “Castração é claramente um método preventivo para tumor de mama nas fêmeas. Nos Estados Unidos e na Europa a casuística é diferente, porque os animais, na maior parte das vezes, são vendidos castrados”, afirma o especialista.

Além deste, os tumores de pele acometem muito os cães. “Também acontecem os melanomas, como nos humanos, além de um tumor mais frequente em cães, que é o mastocitoma”, enumera o professor.

“Nas nossas Cãopanhas, mostramos para os tutores a importância de estar sempre olhando para o animal, colocando a mão, verificando a boca, escovando dentes, percebendo se tem alguma coisa diferente, principalmente em animais com idades mais avançadas”, reforça.

Custo e tratamento

Quando o câncer é diagnosticado em cães e gatos, as conversas promovidas pelas equipes do *Cãocer* passam a abordar formas e possibilidades de tratamento. A missão, segundo o coordenador Heidge Fukumasu, passa a ser a de “desmistificar” a doença e fazer com que o dono “não desista”.

“Os princípios para tratamentos de câncer em animais são semelhantes aos de humanos. As opções são muito parecidas, como cirurgia, quimioterapia e radioterapia”, explica o especialista em oncologia experimental e comparada.

Dúvidas sobre os custos financeiros são imediatas. “Por incrível que pareça, as pessoas mais humildes são as que mais querem encaminhar para tratamento”, afirma. Com foco na comunicação, o projeto de extensão da FZEA se limita a indicar possibilidades de atendimentos em universidades parceiras e clínicas veterinárias da região.

“Está cada vez mais claro que as pessoas cuidam dos seus animais de estimação da mesma forma como um ente da família. E aí não medem esforços. Quando direcionadas para um veterinário de capacidade, que indica as opções corretas, elas aceitam e pagam. Pelo amor aos animais”, observa o professor.

“Claro que essa área de oncologia muitas vezes tem medicamentos que são caros, é necessário fazer cirurgias, e aí o custo acaba sendo elevado”, admite Fukumasu. Mas ele acrescenta tratar-se “das especialidades da veterinária a que provavelmente mais tem gente sendo treinada para cuidar desses animais”.

“Houve grandes avanços na última década. Hoje existem laboratórios que disponibilizam testes que ajudam o veterinário a fazer o diagnóstico mais preciso. Além disso, o número de opções terapêuticas tem crescido. Há muitas pesquisas sendo feitas para, lá na frente, surgirem novas opções para combater a doença”, finaliza.

Experiências

Uma jornada pessoal na Extensão Universitária

Por: Sabrina Epiphanio

Graduada em Medicina Veterinária pela UNESP, com doutorado em Patologia Experimental e Comparada pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, pós-doutorado em Portugal, desenvolve pesquisa em malária há 16 anos.

Atualmente, é professora associada da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Farmácia (Fisiopatologia e Toxicologia).

Desde 2014 tenho o privilégio de participar da *Jornada Científica Acadêmica da Farmácia e Bioquímica (JCAFB)*, ação que já tem mais de 50 anos de existência e que considero o mais importante projeto de extensão universitária da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da Universidade de São Paulo. Desenvolver atividades de extensão junto a estudantes superentusiásticos, dinâmicos e capacitados tem sido uma experiência transformadora.

A *Jornada* é um admirável projeto voluntário e multidisciplinar, evidenciado pela prestação de serviços de assistência farmacêutica às populações carentes, que visa a promoção de saúde e educação. Preservando a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão universitária, ela objetiva a aquisição de conhecimento técnico-científico, humanitário e social aos estudantes, reforçando os princípios de humanização da gestão da saúde e do comprometimento com ações para o desenvolvimento humano e justiça social.

Durante 21 dias, sempre em janeiro, a equipe se desloca para uma pequena cidade do interior, previamente escolhida, com baixo índice de desenvolvimento humano (IDH), cuja infraestrutura de saneamento básico e atendimento médico são insatisfatórios. Participei da *Jornada* na cidade de Santa Cruz da Esperança (SP) em 2015 e em 2020



Foto: Claudio Marinho

finalizaremos o ciclo em Fernão (SP). Após quatro anos de *Jornada* na mesma cidade, despedimo-nos. São momentos difíceis, de bastante comoção, pois a comunidade apegase muito aos jornadeiros e criam-se vínculos profundos, que permanecerão para as pessoas por toda uma vida.

O local de alojamento é sempre uma escola estadual ou municipal e esta vivência, apesar de bastante interessante, poucos são os professores que se dispõem a realizar. Dormir em camas de campanha ou colchão no chão, realizar as refeições preparadas pelas merendeiras escolares, tomar banho em banheiros coletivos (em 10 minutos!) pode não parecer muito atrativo, mas ver de perto o desenvolvimento profissional e pessoal dos alunos é uma das experiências mais prazerosas da docência, além de proporcionar bem-estar para a população carente.

A *JCAFB* realiza atividades educativas e promotoras de saúde com a população, tais como orientar para o uso racional de medicamentos, cuidado farmacêutico e humanização em saúde, a compreensão dos efeitos deletérios do álcool, do fumo e de drogas ilícitas, a importância de hábitos de higiene, conscientização sobre a cidadania, campanhas para detectar e prevenir de hipertensão arterial, hipercolesterolemia,

diabetes, anemia, glicemia, exames coproparasitológicos, swab anal, urinálise, levantamento do perfil socioeconômico, ações em parceria com os agentes comunitários de saúde e análise microbiológica da água, tanto da área urbana quanto rural.

Ainda, desenvolve atividades lúdicas e educativas para as diferentes faixas etárias da população: oficinas de artesanato (cerâmica), cultivo de orquídeas, confecção de cosméticos, concurso de culinária, rodas de conversas, bingo da saúde, show de talentos e baile, reaproveitamento de materiais recicláveis, entre outras. É impressionante observar a criatividade e a seriedade dos jornadeiros no preparo das atividades e a receptividade carinhosa e a participação efetiva da população.

Os alunos jornadeiros aprendem como registrar as amostras e emitir laudos de exames laboratoriais, trabalhar numa plataforma digital de gestão, organizar campanhas de saúde, conversar e articular ações com entes públicos (prefeito, secretários municipais, lideranças locais, agentes comunitários de saúde), desenvolvem habilidades de trabalho em equipe, liderança e relações interpessoais, muitas vezes seguindo normas rígidas do alojamento, como

horário de banhos, escala das equipes de limpeza de banheiros, dormitórios, laboratório e demais instalações da escola utilizada.

As diferentes competências e habilidades, oriundas do curso de graduação, de cursos extracurriculares, dos treinamentos preparatórios, além da vivência cultural e pessoal de cada um, promovem a boa interação entre os jornadeiros e a comunidade local, especialmente com as crianças e os idosos, que é de extremo cuidado e afetividade, além do lado profissional.

A equipe atuante trabalha com o intuito de mostrar à população como é possível melhorar as condições de vida adotando medidas simples, por meio de soluções locais. Formar executores locais e multiplicadores de informação, que mantenham e transmitam o conhecimento para gerações futuras, também compreende nossa gama de objetivos.

Todas as atividades são desenvolvidas pela equipe ao longo do ano, desde a obtenção de recursos financeiros (por meio de projetos, doações de empresas, ou *crowdfunding*), organização das ações e responsabilidades com a prefeitura e secretarias de saúde, preparação das atuações, seleção dos



A oficina de cerâmica é uma das atividades culturais oferecidas durante a Jornada. Foto: Sabrina Epiphânio

jornadeiros, treinamentos específicos (exames laboratoriais, aplicação de questionários e abordagem com a população), que requerem a participação de estudantes pró-ativos e professores engajados.

A coordenação executiva é composta por estudantes do Curso de Farmácia e Bioquímica, sendo dois coordenadores gerais, dois de campo, dois de campanha de saúde e atividades e um de comunicação, sempre auxiliados pela coordenação de base, e por antigos jornadeiros. Também exercem importante função na JCAFB os residentes farmacêuticos do Programa de Residência em Atenção Farmacêutica e Farmácia Clínica, que atuam em conjunto com os estudantes. Ainda, participam os coordenadores de outras jornadas, como os estudantes dos cursos de nutrição, fisioterapia, psicologia, terapia ocupacional, saúde pública, entre outros. Trabalhar com uma equipe tão multidisciplinar gera uma experiência extremamente gratificante e um aprendizado constante, pessoal e profissional.

Devido a minha formação na graduação em medicina veterinária, objetivamos complementar nosso trabalho inserindo a saúde animal no projeto, atendendo ao princípio básico de saúde única, que prevê a indissociabilidade entre indivíduo, família, comunidade e ambiente em que

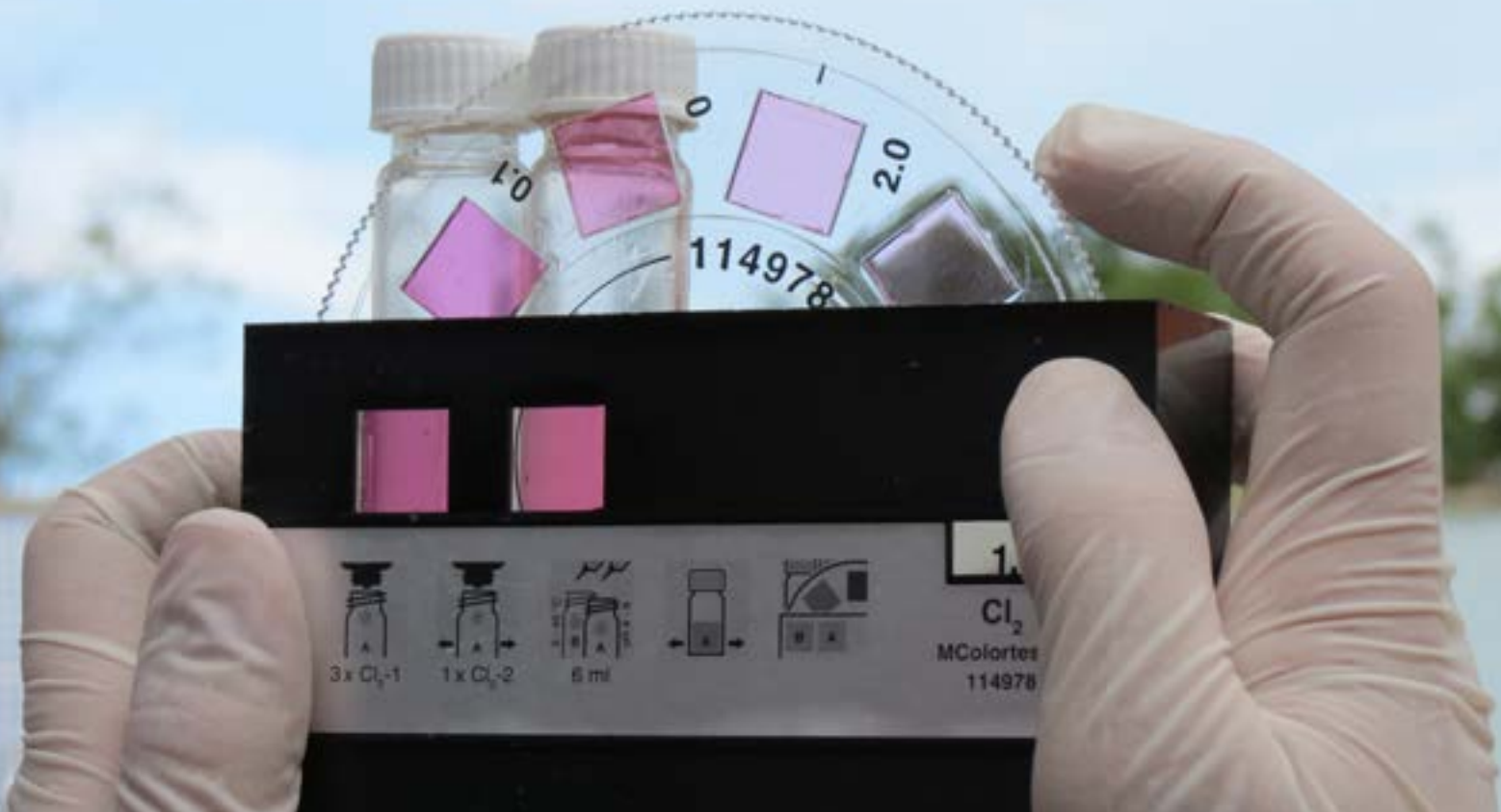
vive. Atualmente, as famílias da sociedade contemporânea são multiespécies, nas quais aves, répteis e, especialmente, cães e gatos, são considerados membros das famílias.

Para tal, em 2015, fizemos uma parceria com a equipe do Hospital Veterinário (HOVET) da Faculdade de Medicina Veterinária da USP para a participação de seus médicos residentes e aprimorandos na *Jornada*. Em 2016, em Santa Cruz da Esperança (SP), a *Jornada* contou, pela primeira vez, com a participação de médicos veterinários residentes do HOVET. Por meio de peça teatral (“Um dia de cão”) e feira de saúde são abordados os temas relevantes como guarda responsável, abandono, castração, controle populacional, registro de animais, maus-tratos, cuidados com nutrição, vacinação, entre outros. Os veterinários atuam como facilitadores em diálogos com as agentes comunitárias de saúde (ACS), discutindo temas, tais como: vigilância epidemiológica e prevenção de zoonoses, especialmente de leishmaniose, leptospirose, brucelose, toxoplasmose e raiva, além de realizarem campanhas de vermifugação, vacinação e combate ao mosquito *Aedes aegypti* em ações conjuntas com a prefeitura da cidade.

Apesar dos mais de 50 anos de existência, a *Jornada* tem se modernizado e se tornado multifacetada e cada vez mais multidisciplinar,



O cadastro de campanha de saúde é um dos muitos trabalhos dos jornadeiros. Foto: Sabrina Epiphânio



A qualidade da água também é testada durante a JCAFB. Foto: Sabrina Epiphânio

sendo também capaz de arrecadar recursos financeiros mais efetivos por meio de editais e junto às pró-reitorias de Graduação e de Cultura e Extensão Universitária. Além disso, atualmente o projeto conta com uma complexa ferramenta digital de gestão, idealizada e desenvolvida voluntariamente por um participante da *Jornada*.

Alguns editais específicos, além de recursos financeiros, possibilitam também ampliar o leque de atuação do projeto. O edital “Aprender na Comunidade”, por exemplo, contemplou o projeto *Ações inter e multidisciplinares de educação em saúde para comunidades carentes*, fornecendo aporte monetário e uma gama de novos colaboradores, especialmente do Hospital Universitário da USP, possibilitando aos participantes a integração maior de saberes (transdisciplinaridade) e a inserção de bolsistas graduandos de outros cursos para atuação em diferentes frentes do projeto. Outros editais recentes, como “Empreendedorismo Social”, compõem as atividades que enfatizam o incentivo à formação de multiplicadores de conhecimento capazes de darem continuidade às ações, em conjunto com o poder público municipal. Portanto, no âmbito do empreendedorismo social, planeja-se fomentar na comunidade a promoção de ações voltadas ao empoderamento em

saúde, de forma alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU.

Outro subprojeto da JCAFB, intitulado *Medidas fomentadoras de saúde por meio da educação alimentar e comportamental*, contemplado no 2º Edital Santander/USP/FUSP de Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão, foi direcionado à saúde por meio da educação alimentar, fornecendo informações sobre como a produção de alimentos pode ser mais sustentável e menos agressiva ao meio ambiente, além de como a prevenção e/ou o controle de doenças como diabetes, obesidade e hipertensão pode se dar através da alimentação saudável, uma vez que se almeja o bem-estar físico, mental e socioambiental.

Neste contexto, a conscientização de uma alimentação mais saudável, o contato com a terra e a produção de legumes e verduras sem agrotóxicos são fatores que contribuem para o bem-estar físico e mental, bem como previnem doenças. Atuamos mostrando as vantagens em ter sua própria horta orgânica, com alimentos ricos em nutrientes, além do aproveitamento de resíduos domésticos em minhocários, gerando um adubo natural de excelente qualidade (chorume). Ainda, incentivamos a aplicar os mesmos princípios para a organização de hortas comunitárias, como nas escolas, que além de aproximar



A aferição da pressão arterial é um dos carros-chefe do atendimento à população. Foto: Sabrina Epiphânio

as pessoas, permitem a divisão do trabalho, desenvolvem o espírito comunitário e, ademais, evitam desperdícios.

Por ser um profissional de saúde, o farmacêutico não se restringe ao tratamento das doenças e busca, sim, a promoção da saúde como um todo. Neste contexto, a JCAFB proporciona aos futuros farmacêuticos desenvolver atividades e difundir conhecimentos relacionados à saúde, em um cenário de prática real, com pacientes, e não mais dentro das condições controladas de um laboratório de ensino, além da vivência com profissionais e estudantes de cursos distintos.

A minha participação na *Jornada* proporcionou um grande aprendizado a respeito de atenção farmacêutica, de como o farmacêutico pode preencher a imensa lacuna existente entre o médico e o paciente, experiência em laboratório clínico, produção de alimentos, atualização em medicina veterinária, as peculiaridades de desenvolver um projeto de extensão que promova saúde, educação e lazer para populações menos favorecidas, além de vivenciar experiências pessoais indescritíveis e inesquecíveis.

Agradecimentos especiais

A JCAFB é desenvolvida e coordenada pelas professoras Dra. Primavera Borelli, Dra. Jeanine Giarolla Vargas, Profa. Dra. Juliana Neves Rodrigues Ract, pela farmacêutica do Hospital Universitário Alice Hermínia Serpentino e o doutorando do Instituto de Química João Vitor Cabral Costa (ex-coordenador da *Jornada*), os quais são/foram coordenadores dos projetos supracitados, os quais eu agradeço imensamente e sem eles seria impensável a execução deste projeto.

Agradeço ao Prof. Dr. André Luís do Vale de Zoppa, chefe dos médicos veterinários residentes e aprimorandos do Hospital Veterinário (HOVET) e a Profa. Dra. Sílvia Regina Ricci Lucas, diretora do HOVET da Faculdade de Medicina Veterinária da USP pela parceria fantástica, que viabiliza a equipe multidisciplinar que promove saúde e educação no âmbito mais amplo da Saúde Única.

Ainda, meus sinceros agradecimentos ao voluntário Carlos Vercelino (CLVSol), que idealizou, desenvolveu e implementou a complexa ferramenta digital de gestão gratuitamente e que tem participado efetivamente da *Jornada* há anos.

USP Aberta à Terceira Idade agora é USP 60+

Milhares de vagas em disciplinas dos cursos de graduação da USP, além de atividades culturais e esportivas, todas gratuitas para o público acima de 60 anos.

Saiba mais e acompanhe todas as atividades culturais em:
extensao.usp.br/usp60

Ensaio Fotográfico

Parque CienTec

Se você conhece algum lugar interessante da USP e gostaria de ver retratado nesta seção ou mesmo participar como fotógrafo, escreva para procin@usp.br

Texto e fotos: Michel Sitnik



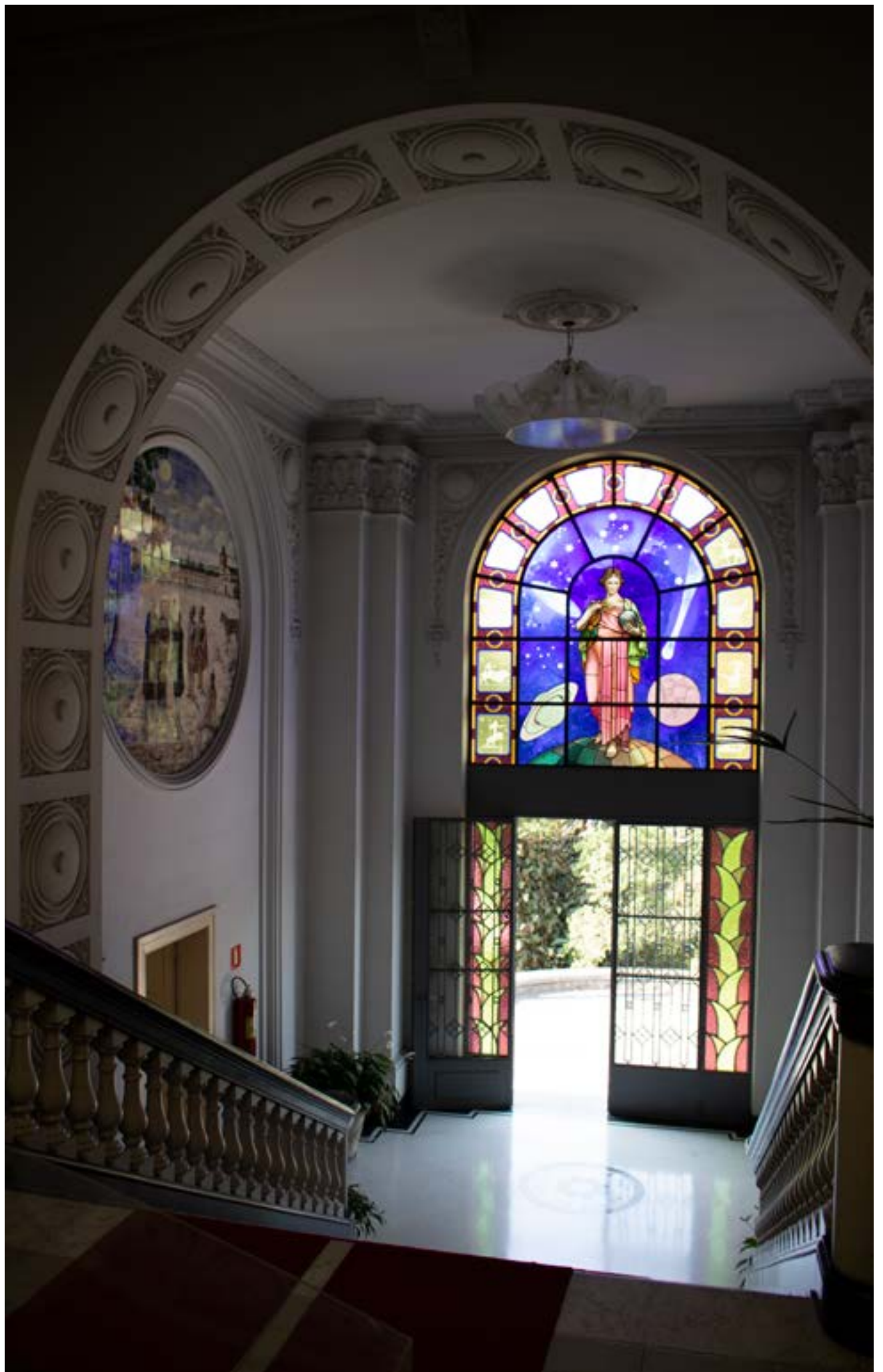


Área de preservação ambiental localizada no Parque Estadual Fontes do Ipiranga, junto ao Zoológico e ao Jardim Botânico de São Paulo, o Parque CienTec da USP apresenta, já à primeira vista, sua exuberância natural. Animais como bugios e tucanos são companheiros do visitante que aprecia o espaço, seja nas trilhas, no lago ou nos gramados. Mas é nos prédios que revelam-se as surpresas e a história dali. Antiga sede do Instituto Astronômico e Geofísico (atual Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP), o lugar ainda conserva o DNA da astronomia, repleto de referências arquitetônicas e atividades como o planetário, a alameda do sistema solar e outras exposições da área. Mas não é só: também há laboratório de microscopia, matemática e música, física e até castelos medievais entre as atrações oferecidas.





















Para conhecer

Parque CienTec da USP

© Avenida Miguel Estéfno, 4200,

Água Funda, São Paulo

✉ parquecientec@usp.br

☎ (11) 5077 6304

Visitação gratuita

De segunda a sábado, das 9h às 17h

Agendamento de visitas monitoradas

✉ agendaparque@usp.br

/07jul a 19jul de
ANIMAÇÃO
 VIII MOSTRA DE
 USP

COMO
 ESTÁ
 NÃO
 VAI
 FICAR

1968

ANIMA
 MUNDI

PODER PRETOR

asp / 1, 2 e 3 de agosto

Pela primeira vez o maior festival de chega à sua 26ª edição. **gratuito** às 14h às 18h.

Confira a programação:

- 14h00 / animação em curso 1
 16h00 / animação em curso 3
 19h00 / animação em curso 5
- 14h00 / animação em curso 2
 16h00 / panorama internacional 3
 19h00 / animação em curso 4
- 14h00 / animação em curso 3
 16h00 / animação em curso 1
 19h00 / animação em curso 2

USP

/29out a 02dez de 2018

1968 / animação em curso 1
 1968 / animação em curso 3
 1968 / animação em curso 5
 1968 / animação em curso 2
 1968 / animação em curso 4
 1968 / animação em curso 1
 1968 / animação em curso 2

Da USP, mas aberto a todos: existe um cinema diferente em São Paulo

Muito mais do que uma sala de cinema gratuita, o Cinusp Paulo Emílio oferece à população mostras com curadoria cuidadosa, diversificada e criativa, complementada por debates

Texto: Michel Sitnik | Arte: Camila Previato

“Pouca gente sabe, mas tem cinema de graça em São Paulo”. A frase é do dia 20 de outubro de 1993 e abria a notícia da Folha de S. Paulo sobre a novidade do circuito cultural paulistano, a inauguração do Cinusp Paulo Emílio, sob a manchete: “USP cria cinema para ser polo de ecletismo”. A frase, mais de 25 anos depois, segue atual e igualmente surpreendente. Afinal, depois de muitas idas e vindas nesse mercado de salas de cinema e de grandes transformações no consumo de audiovisual, ainda é uma raridade encontrar opções gratuitas para assistir filmes na cidade. Ainda mais se a procura for por uma programação regular e de qualidade.

A ideia de ter um cinema da USP surgiu de um questionamento de João Alexandre Barbosa, na época o pró-reitor de cultura e extensão universitária: se a USP já tinha um teatro, por que não tinha também um cinema? Com essa ideia em mente, pediu ajuda para Dora Mourão, professora do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes (ECA), que acabou sendo a primeira diretora e permaneceu no posto por 17 anos.

A gratuidade, naquela época, apesar de ser um destaque da novidade, nem era consensual. A sala era inaugurada com a

FOLHA DE S. PAULO

acontece

SÃO PAULO

Quarta-feira, 20 de outubro de 1993 Especial - I

USP cria cinema para ser pólo de ecletismo

O Cinusp, nova sala da universidade, custou US\$ 4 mil e pretende exhibir filmes de arte e comerciais



Eduardo Alves no Cinusp, que foi inaugurado semana passada na Cidade Universitária

CLAUDIA GONÇALVES
Debate

Pouca gente sabe, mas tem cinema de graça em São Paulo. Pelo menos até 22 de outubro. É que esta vez, ao contrário do Cinusp, o novo cinema da USP não se dedica a ser sempre gratuito. O filme “Bob Roberts”, de Tim Robbins, chega ao cinema paulista. Segundo Hélio Alves, M, coordenador do sala, a entrada franca vai servir como “armadilha” para atrair a atenção da sala.

A próxima film a ser exibida ainda não foi definida, mas o preço do ingresso já é cerca de R\$ 250 ou US\$ 1,65, notícia que deve agradar aos amantes de filmes, atividades e aulas de arte, teatro, dança. O preço médio de um ingresso varia nos cinemas da cidade de R\$ 400.

Inaugurado em 13 de outubro passado, a nova sala pretende ser um pólo de ecletismo, visto que exibirá filmes comerciais e de arte, além de abrir espaço para a produção interna da universidade, ciclos, palestras com cineastas e programações dos centros acadêmicos. A ideia para a reforma e instalação dos equipamentos, cerca de US\$ 4 mil, foi aprovada pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP.

Segundo a professora Maria Dora Mourão, 46, diretora-geral do cinema, o ecletismo não será apenas para mostrar filmes de baixa qualidade, “há filmes importantes, filmes que sejam muito divertidos, como ‘Rastão’, por exemplo”, diz. Mourão afirma que o intuito é “fornecer o público”, apresentando longos e curtas-metragens que sejam as primeiras-primícias.

O novo espaço, batizado de Sala de Projeto Paulo Emílio, em homenagem a um dos fundadores do curso de cinema da ECA (Escola de Comunicações e Artes) da USP, tem capacidade para com espectadores, equipamento de som Dolby Stereo e tela com 3,90 x 1,80 m. Os dois projetores Philips PP 5 instalados no Cinusp, que datam da década de 70, foram comprados pela MAC (Museu de Arte Contemporânea) e adaptados para funcionar em loop-pado como fonte originalmente era utilizado o carvão, técnica obsoleta atualmente.

A academia do cinema — que já se sala de sala e auditorio — foi melhorada com uma fiação de carpete nas paredes e o som, de acordo com Mourão, é “razoável”. O que deixa mais a desejar são as poltronas, que mesmo sendo confortáveis não são reclináveis.

Apesar dos problemas, Mourão diz que a partir do ano que vem a sala deverá ter duas sessões diárias, às 18h e 23h, e um horário alternativo, ao meio-dia, destinado aos centros acadêmicos.

“Bob Roberts” satiriza direita americana

Da Redação

Dirigido e estrelado por Tim Robbins, “Bob Roberts”, filme que está em exibição no Cinusp até 22 de outubro, é uma espécie de documentário “fictício” sobre um contestador milionário de três-track da Pensilvânia tentado da zona leste dos Estados Unidos que tenta a todo custo uma vaga no Senado norte-americano.

Valendo-se dos mais impressionantes recursos de marketing e tendo a

meia como veículo de suas ideias fascistas e racionárias, o candidato yuppie da região chega bem perto do que foi realidade brasileira durante o governo do ex-presidente Fernando Collor de Mello, que teve que deixar a carga após sofrer as impropriações em setembro de 92.

Um fato curioso sobre “Bob Roberts”, o ator e diretor Tim Robbins, se recusou a girar um dólar com as milhões gastadas pelo candidato no filme. “Muito Roberts”, assim que a trilha sonora fosse

usada por políticos de direita como tema para seus campanhas políticas. Politicamente correta, a ideia.

Além de Robbins, estão no elenco Alan Rickman, Conselho Esperto e o polêmico escritor Gore Vidal. A film, rodada no ano passado, tem 100 minutos de duração.

Antes de escrever, dirigir e estrelar “Bob Roberts”, Tim Robbins atuou em “O Japão”, de Robert Altman, e “Erlé, o Viking”, dirigido por Terry Jones. (UX)

VEJA ONDE FICA O CINUSP



Endereço: Sala 4, Conjunto das Colônias, Rua do Anhangabaú, 109



Paulo Emílio em 1958 – Crédito: Arquivo Nacional/Wikimedia Commons

Quem foi Paulo Emílio

O Cinema da USP homenageia em seu nome um dos mais célebres intelectuais brasileiros nessa área. Nascido em São Paulo em 1916, Paulo Emílio Sales Gomes destacou-se pela sua atuação como crítico de cinema – tendo especial visibilidade com sua coluna publicada em *O Estado de São Paulo* semanalmente de 1956 a 1965 – e professor, além de ter sido figura central na fundação da Cinemateca Brasileira, na criação do Festival de Brasília e dos cursos de cinema da Universidade de Brasília e da USP, onde lecionou até o final de sua vida.

previsão de isentar o pagamento por um período de testes e depois passar a cobrar um ingresso de 250 cruzeiros reais (o que equivaleria a algo como R\$ 15 nos dias de hoje), contra uma média de 400 cruzeiros reais (cerca de R\$ 25 atualmente) dos cinemas da cidade. Dora Mourão explica: “A ideia era cobrar um valor baixo, pois o objetivo nem era tanto o de cobrir custos operacionais, mas muito mais criar um comprometimento do público com aquele filme e evitar situações como o pessoal que entra por entrar, levanta, conversa...”. No entanto, os entraves burocráticos da própria Universidade foram dificultando esse processo de cobrança e a sala foi atravessando os anos sempre totalmente gratuita. Hoje, o assunto já parece superado, sem perspectivas de mudança nessa política de gratuidade, já que a atual direção acredita que é uma obrigação da USP, mantida por impostos, oferecer essa atividade cultural de forma irrestrita à população. Além disso, entende que a logística de cobrança de ingressos muito baratos consumiria praticamente o equivalente ao valor arrecadado, com o risco de ainda afastar boa parte do público que frequenta o local. Ao mesmo tempo, vê uma maturidade do público em relação aos anos iniciais: “Hoje quem vem para o Cinusp, vem para ver o filme. É muito raro a gente se deparar com problemas de comportamento dentro da sala”, afirma Cristian Borges, o atual diretor.

E não foi só o público frequentador que amadureceu. O mesmo poderia se dizer

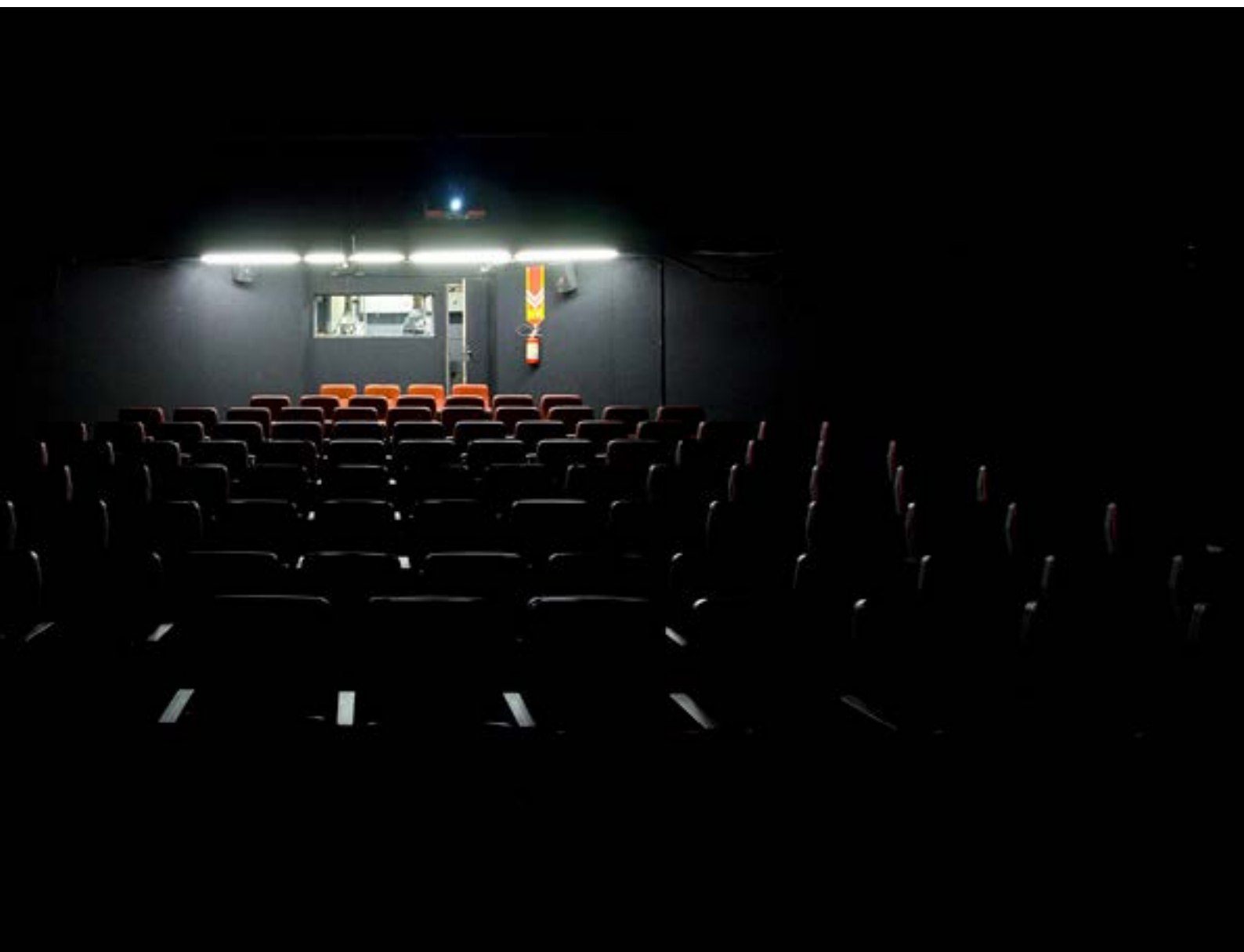
do próprio Cinusp, que nasceu de forma um tanto despreziosa, sem objetivos muito específicos ou um projeto acadêmico acabado, mas sempre procurando entender



que espaços poderiam ser ocupados e como minimizar resistências ou preconceitos que restringissem o público frequentador a um pequeno círculo. A ideia básica era simplesmente essa: apresentar o mundo do cinema para a comunidade frequentadora da USP – por si só um público grande para um projeto em nascimento – e consequentemente ampliar as possibilidades culturais da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU).

Tudo ainda era muito nebuloso naquele momento e havia um primeiro desafio, que era o da própria montagem da sala, afinal, de nada adiantaria ter um projeto acadêmico ou de programação de filmes sem ter o espaço devidamente preparado. Diante da impossibilidade de uma nova construção, um prédio especificamente criado para funcionar como cinema, a saída foi adaptar um espaço já existente e então começou uma reforma no Favo 4, localizado nas Colmeias, uma sala

que já havia servido como auditório e sala de aula, mas que estava longe ainda de ser uma sala de cinema. Figuras centrais para uma sala de cinema, os projetores, de 35 mm, vieram do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP. Existe aí uma curiosidade: o pró-reitor João Alexandre era casado com a diretora do MAC, Ana Mae Barbosa, e por meio dela soube que o museu havia ganhado anos antes, para uma mostra, dois projetores que no momento estavam guardados e sem uso. Daí resultou um acordo para que estes equipamentos pudessem ser direcionados ao novo espaço, onde seriam utilizados diariamente. Ainda não havia sequer uma equipe de funcionários do Cinusp e nesse meio tempo Dora buscava a colaboração de colegas e conhecidos que pudessem ajudar na montagem da sala, como especialistas em som, engenheiros e outras pessoas que contribuíram com dicas e orientações de como fazer essa reforma da melhor maneira possível para uma boa acústica e visibilidade da tela, por exemplo.



Revista Sinopse

A Revista Sinopse foi uma publicação criada e editada pelo Cinusp entre 1999 e 2006. Surgiu em uma época em que os interessados por cinema – não necessariamente acadêmicos – sentiam falta de uma publicação considerada séria sobre cinema, aliando um bom design com espaços de discussão mais aprofundados, e por isso ganhou grande repercussão no meio. Com o tempo, optou-se por não mais prosseguir com esse produto tendo em vista os novos espaços que surgiram, inclusive na internet, para desempenhar essa função.

Ao se propor a fazer discussões críticas sobre o cinema, a revista tinha um papel complementar às mostras, que, incluíam sempre debates para ampliar a informação ao público, mas não eram necessariamente ligados às teorias do cinema, ou à linguagem dos filmes, e sim ao conteúdo, à sua relação com a sociedade, com a política e com a história, trazendo debatedores de diversas áreas que não necessariamente do audiovisual.

Para Dora Mourão, a revista é um bom exemplo do papel transformador que o estágio no Cinusp pode ter nos estudantes: a equipe de alunos que propuseram e desenvolveram a revista inclui vários nomes que posteriormente vieram a ocupar cargos de destaque na gestão do audiovisual brasileiro, como Alfredo Manevy (ex-secretário executivo do Ministério da Cultura), Manoel Rangel (ex-diretor-presidente da Agência Nacional de Cinema), Newton Cannito (ex-secretário do audiovisual do Ministério da Cultura), Leandro Saraiva (ex-gerente da TV Brasil e roteirista de produções premiadas como Cidade dos Homens) e Maurício Hirata (ex-secretário executivo da Agência Nacional de Cinema).

Todas as edições estão disponíveis para consulta do público no site do Cinusp (usp.br/cinusp), que além desse material também oferece debates, aulas e textos das mostras.

Para a programação, a ajuda externa também foi providencial, no caso vinda de André Sturm, que era dono da distribuidora Pandora e atuou como um parceiro do novo projeto, dando sugestões de programações e cedendo filmes para exibição.

Enfim, um projeto que, apesar de bastante voluntarista, foi tomando corpo e evoluindo sem tropeços e com uma estabilidade que favoreceu seu crescimento, reconhecimento e inserção no panorama cultural da cidade. Se havia boa vontade e empenho das pessoas envolvidas em implantar essa ideia, havia também uma receptividade muito boa do público e o desafio que acabou se impondo era o mesmo que afeta as atividades de artes e de cultura como um todo na universidade pública: a burocracia. Como fazer o sistema administrativo público entender que um cinema precisava ter um técnico de projeção, um cotidiano de manutenção ou demandas aparentemente prosaicas como alugar filmes, por exemplo? “São alugueis todas as semanas, e é impossível ter um procedimento padrão, ou conseguir três orçamentos para um mesmo título: nesse mercado, cada título pertence a uma produtora e cada distribuidora

oferece diferentes títulos. Fazer contrato com uma só distribuidora, portanto, não é uma opção pois o cinema passaria a ser um órgão amarrado, com possibilidade de fazer mostras de apenas essa”, explica Dora. Uma saída, no primeiro momento, foi buscar parcerias com consulados e embaixadas, mas que também não era uma solução definitiva ao problema de uma programação extremamente restrita. Hoje, esse tipo de parceria ainda existe e é importante para o Cinusp, mas muito mais para o acesso a filmes raros no Brasil do que meramente para poder exibir filmes sem o custo da locação ou dos direitos de exibição. Ao contrário, um dos méritos do qual o Cinusp se orgulha, é de muitas vezes exibir filmes inéditos no Brasil, o que costuma ser viabilizado por essas parcerias.

Desde seu início, o Cinusp se propõe a ser um espaço de cultura, e não um espaço acadêmico – o que é tido como um dos motivos para nunca terem prosperado algumas tentativas passadas de se transferir sua gestão para a ECA. Há, assim, uma abertura muito grande para receber os mais diversos produtos, convidados e atividades, proporcionando reflexões nos mais variados

níveis, seja por meio dos próprios filmes ou de debates, cursos e publicações, criando um conjunto de ações que diferenciam o Cinusp de outras salas de cinema. No Cinusp existe uma curadoria que não trabalha com a lógica das salas comerciais, que buscam filmes pelo potencial de lucro. E mesmo em relação a outras salas alternativas o Cinusp também tem diferenciais pois, ao contrário da maioria delas, não visa a mera difusão das obras cinematográficas, e sim a formação do público. Além disso, o diretor destaca a liberdade de trabalho que a universidade pública proporciona, sem filtros ou direcionamentos de ordem política ou empresarial, que eventualmente podem estar refletidos em outros espaços culturais. Cristian ressalta o papel de responsabilidade que a USP deve ter com o assunto: “A USP tem um dos cursos de cinema mais antigos do Brasil. Somente aqui e na Universidade Federal Fluminense (UFF) temos cursos de cinema ininterruptos desde os anos 60, não só passando por todas as crises que o cinema brasileiro passou, mas inclusive ajudando a manter viva a produção audiovisual nesses períodos mais críticos. Toda essa história não só justifica a USP ter um cinema como dá

“Já havia uma abertura, desde o início, de o Cinusp ser um local para receber os mais variados produtos e oferecer uma reflexão nos mais variados níveis.”

Maria Dora Mourão, primeira diretora do Cinusp

um peso muito grande para sua atuação nessa área”. A UFF mesmo tem seu cinema, o Cine Arte UFF, mas que também tem uma programação que se aproxima mais dos cinemas comuns, inclusive com cobrança de ingressos. Por isso é que o Cinusp se define como único. “Em São Paulo não faltam salas de cinema mas, mesmo sendo ‘o’ lugar para ver coisas interessantes, ainda existe carência



Projektor da primeira sala do Cinusp – Foto: Marcos Santos/USP Imagens

“Não pegamos simplesmente um filme para passar, que tenha sido determinado por uma distribuidora, como nas salas comerciais, ou definido por qualquer filtro empresarial ou político: temos uma equipe que cria uma programação única, ímpar.”

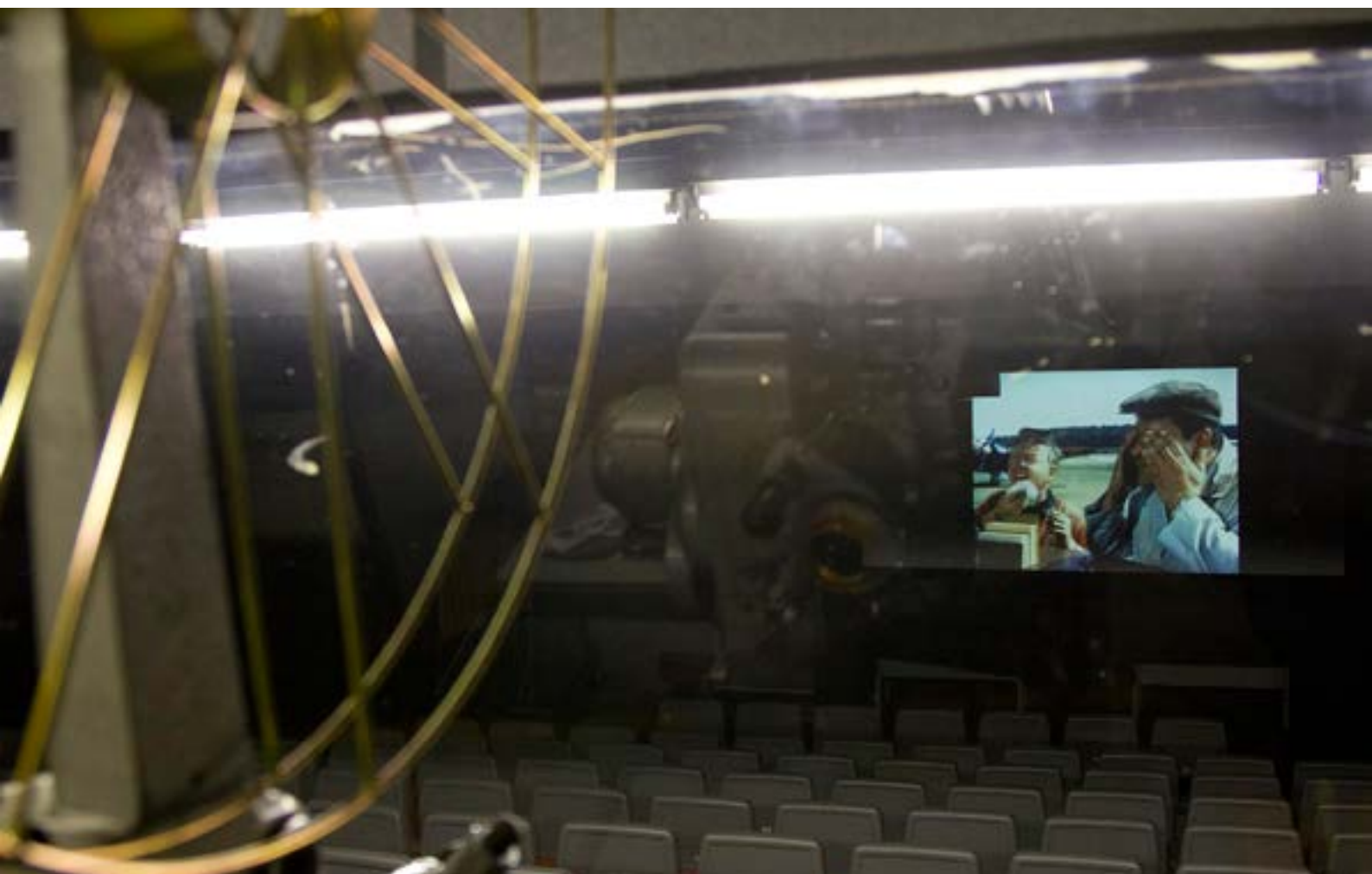
Cristian Borges, diretor do Cinusp

de uma programação diferente. Ainda mais com a regularidade que temos, com sessões todos os dias, o ano todo, ao longo de tantos anos”, completa o diretor.

Estabilidade de gestão

Já foram dez pró-reitores desde a inauguração do cinema e todos eles mantiveram o órgão em funcionamento sem sobressaltos. Em 17 anos de gestão, a professora Mourão não se

recorda de nenhum momento em que tenha enfrentado mudanças de rota ou de estratégia para o Cinusp, notando que a estabilidade administrativa perdurou inclusive após sua saída e a sucessão na direção do Cinusp por outros três docentes do mesmo departamento. Segundo ela, mesmo não se tratando de uma obrigação regimental, tem sido uma grande vantagem para o Cinusp ter sempre à frente diretores que entendem de cinema, além do



Primeira Sala do Cinusp, que hoje ainda opera paralelamente à nova sala – Foto: Marcos Santos/USP Imagens

grande respeito e liberdade dados por todos os pró-reitores em relação a isso.

Para ela apenas dois momentos se aproximaram um pouco de uma mudança de proposta. O primeiro, na gestão do pró-reitor Jacques Marcovitch, que propôs que o Cinusp criasse uma filmoteca, adquirindo um acervo que ficasse disponível para a comunidade USP – ideia que acabou rapidamente abandonada, já no momento em que foram levantados os altíssimos custos em que isso implicaria, não só para a aquisição desses filmes, mas, principalmente para seu armazenamento e manutenção, que exige local adequado e acompanhamento altamente especializado.

Alguns anos depois, o pró-reitor Ruy Altafim também procurou investir em uma nova faceta para o Cinusp, atendendo a uma demanda que o órgão tinha para a aquisição de equipamentos de produção: câmeras, iluminação, gruas e afins foram comprados inicialmente com a intenção de permitir os registros em alta qualidade dos eventos do cinema, como aulas, debates e palestras. Mas, como contrapartida, foi pedido que também fossem produzidos filmes em um espectro mais amplo, incluindo produções institucionais e de divulgação de unidades da USP, o que com o tempo também acabou sendo abandonado por prejudicar a atividade original de produção de mostras de cinema, e parte dos equipamentos foi repassada à ECA.

Como surge uma mostra

Se o Cinusp pode ser definido como único, é especialmente pela sua programação que, mais do que ser idealizada por uma equipe diversa e muito ligada no assunto, incluindo muitos estudantes, é calcada no desafio de sempre criar propostas variadas e ricas, evitando assim temáticas que já vêm prontas, como pacotes: “Por exemplo, retrospectivas de um determinado diretor. A gente tem visto muito esse tipo de proposta atualmente em alguns espaços culturais. É sucesso de público e de mídia, mas sem um trabalho de curadoria que traga algo diferente para os espectadores”, comenta Cristian, ressaltando que por trás de uma mostra aparentemente simples, de execução que parece fácil e rápida, existe um trabalho de meses de uma equipe de pessoas que se debruçaram sobre um tema, pesquisaram, levantaram

problemáticas relacionadas e, principalmente, assistiram a muitos filmes possíveis para então selecionar com muito critério aqueles que podem compor determinada mostra, além de eventuais convidados para debates.

“Fugimos das receitas prontas e trabalhamos constantemente para contemplar a variedade e a diversidade, tanto dentro de cada mostra como no conjunto das mostras ao longo do ano.”

Thiago de André, assistente de direção do Cinusp

Thiago de André é assistente de direção do órgão e coordena a produção das mostras. “O Cinusp não é uma sala de cinema comum, é uma sala de formação também. Por isso, trabalhamos sempre com o conceito de um cinema de repertório, contemplando variedade e diversidade, tanto dentro de cada mostra como também no conjunto das mostras ao longo do ano”, define, ao apresentar alguns critérios que são sempre aplicados, como a não repetição de um mesmo filme no intervalo de quatro anos, a prioridade para filmes nunca exibidos no Brasil, a inclusão de filmes brasileiros em todas as mostras, a busca por cineastas mulheres e a criação de mostras temáticas com diferentes épocas, países e diretores.

Atender a uma diversidade tão grande de temas, linguagens, origens, olhares e gêneros também implica na necessidade de se

Para que seja possível ter mostras o ano todo, equipes trabalham em paralelo, produzindo simultaneamente as sucessivas mostras. Confira o passo a passo dessa produção:

1



Ideias

Toda mostra parte de alguma proposta que é apresentada à equipe e discutida nas reuniões de planejamento. Ter ideias criativas e diferentes dos modelos padronizados, tidos como clichês, é o grande desafio. Por exemplo, convidada a integrar a Semana da Consciência Negra, a equipe buscou uma mostra de cinema negro que não fosse mais uma repetição de uma mostra de filmes da África. Chegou-se em uma proposta de apresentar um recorte com filmes que tivessem negros em situações empoderadas e de protagonismo. Isso faz com que a mesma mostra traga títulos como "Pantera Negra", sucesso da Marvel de perfil mais popular, ao lado de "A pequena vendedora de sorvete", filme do senegalense Djibril Diop Mambéty que adaptou para as telas o conto tradicional africano "Leuk, a lebre", e da versão de 1971 de "Shaft", clássico cult que ganhou outras versões posteriormente.

2



Pesquisa

Com a proposta temática definida, a equipe precisa pesquisar muito sobre o assunto, e não é só na internet. O trabalho inclui a busca por artigos, livros, textos de outras mostras e catálogos. Esse levantamento resulta em uma lista de possíveis filmes e também temas e convidados para os debates.

3



Seleção

Com a lista preliminar em mãos, os curadores precisam assistir aos filmes para escolher os mais pertinentes e relevantes e que componham um conjunto que atenda aos critérios de diversidade do Cinusp. Além disso, a seleção também precisa levar em conta critérios de ordem prática, como a pesquisa por cópias, direitos de exibição, restrições e eventuais custos. Essas informações vão sendo levantadas filme por filme, em pesquisas junto a diretores e distribuidoras.



FONTE: THE

5



Divulgação

Com a mostra montada, segue essencial para que a mostra seja bem-sucedida a divulgação por artes, cartazes, conteúdo para imprensa.

4



Dados

Uma vez com a lista de filmes definida, a equipe precisa prosseguir com suas pesquisas, incluindo fichas técnicas, e comentários relacionando as mostras. Como o Cinusp se preocupa com a diversidade, é importante especificar e se preocupar com a possibilidade de aproveitar as sinopses padronizadas de linguagem, um texto, chamado de "cartão de justificativa", que justifica a mostra para o público.

CINUSP

PROGRAMA DA MOSTRA

COORDENADOR DE PROGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO

Divulgação

o trabalho de divulgação,
aconteça de fato. São elaboradas
as mídias sociais e releases para a

dos

que compareça à mostra, a equipe
pesquisas, agora levantando dados
com isso também redigir as sinopses
os filmes aos temas discutidos nas
propõe a trabalhar com enfoques
com a formação do público, não é
os padrões disponibilizadas pelos
forma, não teriam entres si uma
ou tamanho. Também é elaborado
"a curadoria", que apresenta e
lício.

Fun!

trabalhar com liberdade total na curadoria, o que viabilizou mostras que poderiam ter gerado algum tipo de polêmica ou até mesmo censura em outros locais, como foi o caso da “Mostra de Cinema Homoerótico” – ainda em 1996 – ou, mais atualmente, a mostra “Obscena: o sexo no cinema” (2014) e a mostra de cinema trash “Mostrash: sangue, terror e tripas” (2019). “Nunca houve qualquer tipo de pressão ou reclamação e percebo que na USP há uma compreensão muito consolidada quanto a isso”, declara Thiago, explicando que pensar e falar sobre cinema passa por conhecer tudo aquilo que é produzido e consumido para que se possa avaliar e discutir sem preconceitos.

O papel dos estudantes tem sido importante desde o início das atividades e é consenso entre quem já trabalhou ou trabalha por ali de que se trata de muito mais do que mão de obra barata, como costuma acontecer em vários locais. Tanto a ex-diretora Dora como o atual gestor Cristian ressaltam que essa presença e o espaço dado para os estagiários é fator importante para manter o Cinusp como espaço de formação e não uma mera sala de exibição. Ao participar desse dia a dia, esses estudantes passam a entender sobre produção de mostras, programação, difusão de cultura ou como fazer contatos com realizadores, consulados e embaixadas. Essa dinâmica permite que os estudantes desenvolvam seu aprendizado ao mesmo tempo em que contribuem com o Cinusp oferecendo seus repertórios e olhares, resultando na construção de uma programação realmente diversa, criativa e viva.

Sucesso de público

No início, os espectadores do Cinusp eram basicamente os alunos, especialmente os moradores do Crusp, o conjunto residencial do campus, que acabavam tendo o local quase como sua sala de TV. Como naquele momento não havia necessariamente um público-alvo e a proposta era se adaptar à resposta do público, a equipe do cinema pensou em estabelecer dois horários fixos de sessões que atendessem bem à comunidade de estudantes: às 16h, que poderia receber estudantes da noite que chegassem mais cedo para ver o filme, e às 19h, que seria uma opção para os alunos dos cursos diurnos saindo de suas aulas. Essa previsibilidade de

programação se mostrou tão efetiva que os horários permanecem até os dias de hoje, ainda que o público tenha se ampliado para além da comunidade USP. Outra tradição que começou nesse contexto e assim permaneceu foi a ideia de se programar mostras de animação e de temáticas mais leves nos períodos de férias, uma forma de atrair mais público externo e compensar a ausência dos alunos que já vinham frequentando a sala.

Nos últimos anos o público cresceu e se diversificou bastante. Com maior divulgação e o reconhecimento da qualidade da programação por parte da imprensa, a equipe identificou a chegada de mais espectadores não vinculados à USP, o que não significou menos alunos e moradores do campus. Além disso, uma parceria com o Centro Universitário Maria Antonia, na região central, possibilitou estender as mostras para a sala de cinema do local também aos finais de semana, o que também agregou um outro perfil de público para a programação.

Se, em termos de perfil, o público costuma variar dependendo da sala, do tema da mostra ou da época do ano, em termos de quantidade, ele é hoje mais ou menos estável, mantendo uma média de 30 a 40 espectadores por sessão. Esse número tem

uma curiosidade que poucos sabem: é um público que se equipara ou até supera médias de salas comerciais de shoppings paulistanos.

O próximo desafio é alcançar o público do interior do estado, o que deve ser feito a partir de 2020 por meio de parcerias com os campi da USP. A ideia é que cada local disponibilize uma sala que possa ser destinada a essa função e a equipe do Cinusp dê a consultoria para a reforma e adequação do local. Uma vez pronto, o local passa a receber também as mostras exibidas em São Paulo, montadas pela curadoria do Cinusp.

O futuro

Já na cidade de São Paulo, está prevista para 2020 a inauguração de uma nova sala, localizada no complexo criado no Anfiteatro Camargo Guarnieri, tida como passo decisivo para a sobrevivência do Cinusp no atual cenário do audiovisual. Nos últimos anos, devido à sua defasagem técnica, o Cinusp perdeu algumas parcerias com festivais importantes e também algumas possibilidades de pré-estreias de filmes brasileiros ou até mesmo espaços mais nobres de divulgação na mídia, que às vezes exalta a qualidade da programação mas faz ressalvas ao espaço físico. Agora, ao lado de outros órgãos culturais da USP – orquestra, coral e

SOBRE O PÚBLICO

Ao longo dos anos o Cinusp tem realizado uma série de pesquisas com o público para entender melhor o seu perfil. Confira alguns dados curiosos:

70%
menciona o tema da mostra como motivo para ter vindo

60%
não conhecia o filme previamente



TAXAS DE OCUPAÇÃO

*Média de pessoas por sessão

Fonte: ANCINE - Agência Nacional de Cinema

As médias* de público por sessão nas salas do Cinusp superam as de salas comerciais da região ou de propostas similares

Cinusp Paulo Emilio
(2 salas)



Cinemark Shopping Raposo Tavares
(7 salas)



Petra Belas Artes
(6 salas)



Cinemark Cidade Jardim
(7 salas)



Cinemark Villa Lobos
(7 salas)



teatro – o cinema passa a operar em um novo contexto (veja reportagem na página 4) e, principalmente, em uma nova sala, dessa vez especialmente projetada e construída para ser um cinema, ao contrário daquele auditório improvisado do início da década de 90 e que acabou permanecendo.

Além dos ganhos técnicos de um projetor, tela e sistema de som profissionais e atuais, haverá também um importante incremento de capacidade: o número de lugares da plateia aumenta dos atuais 100 para 150 e a sala antiga permanece ativa para propostas alternativas e simultâneas às mostras principais, viabilizando ainda mais cursos e mostras experimentais: “Queremos expandir a exploração de novas linguagens e suportes, verificar e trazer ao público modelos diferentes desse tradicional do final do século 19, de uma sala escura, plateia e um jato de luz na tela branca. Isso não vai morrer tão cedo, mas hoje já há produtos interessantes, como projeções ao ar livre, produções em realidade virtual ou mesmo performances com telas e projetores”, comenta Cristian, ressaltando o papel laboratorial do cinema universitário.

“Já tínhamos o trunfo de uma programação diferente e reconhecida. Com a nova sala, unimos o útil ao agradável”, finaliza.

Para conhecer

Cinusp Paulo Emílio

Sala das Colmeias

- 📍 Rua do Anfiteatro, 181, Colmeias – Favo 4, Cidade Universitária, São Paulo-SP
- 🕒 segunda a sexta-feira, às 16h e às 19h

Anfiteatro Camargo Guarnieri

- 📍 Rua do Anfiteatro, 109, Cidade Universitária, São Paulo-SP
- 🕒 segunda a sexta-feira, às 16 e às 19h

Centro Universitário Maria Antonia Sala Carlos Reichenbach

- 📍 Rua Maria Antonia, 294, Vila Buarque, São Paulo-SP
- 🕒 sábado e domingo, às 18h e às 20h

Programação completa, sinopses e outras informações

- 🌐 usp.br/cinusp
- ✉ cinusp@usp.br
- ☎ 11 3091 3540

O que é... energia eletrostática

Como ela ou seus efeitos podem ser observados?



Monitoras do *Show de Física* demonstram manifestação da energia eletrostática através da Máquina de Wimshurst.

Por: Fuad Daher Saad

A natureza ilustra o conceito de energia eletrostática com os raios que se formam num dia de tempestade. Todos nós já experimentamos em nosso cotidiano fenômenos que são efeitos desse tipo de energia: num dia seco, ao tocar na maçaneta de um veículo que acaba de estacionar, podemos levar um pequeno choque. Ou quando uma criança desce de um escorregador de plástico e, ao final, está dando pequenos choques e seus cabelos estão arrepiados. Para explicar melhor, vamos descrever a estrutura atômica da matéria.

A matéria é formada por átomos, que são a menor partícula que pode existir num elemento. O átomo possui um núcleo (composto por prótons e nêutrons) e elétrons que giram em torno dele. Os elétrons possuem cargas negativas, os prótons cargas positivas e os nêutrons não possuem carga elétrica. Num átomo normal a quantidade de prótons é igual a de elétrons. Nesse caso,

o átomo não tem carga elétrica. Fenômenos associados à eletrostática ocorrem quando elétrons são “arrancados” de átomos e capturados por outros. Quando isto acontece, o átomo que cedeu elétrons fica com “carga positiva” e o átomo que recebeu elétrons fica com “carga negativa”. Este evento é chamado de eletrização.

Mas então, o que é a energia eletrostática? É a energia transferida [geralmente pelo atrito] para retirar elétrons de um ou mais corpos e transferi-los a outros. Vamos exemplificar: experimente esfregar fortemente um canudinho de refresco em um guardanapo de papel. O canudinho ficará eletrizado negativamente (excesso de elétrons) e conseguirá atrair pequenos objetos, como pedacinhos de papel.

Existem máquinas eletrostáticas que transferem quantidades significativas de elétrons e podem produzir grandes faíscas. No *Show de Física* da USP, por exemplo, os visitantes conhecem de perto equipamentos como o Gerador Eletrostático de Van de Graaff,



Foto: Camila Previato

a Máquina de Wimshurst, condensadores, eletroscópios e a garrafa de Leyde, que ilustram de forma prática a produção e armazenamento de energia eletrostática e seus efeitos.

*Fuad Daher Saad, professor do Instituto de Física (IF) da USP, é o idealizador e coordenador do **Show de Física**.*

Você também gostaria de entender melhor alguma expressão ou assunto do mundo da cultura? Escreva para procin@usp.br e nós vamos atrás dos especialistas para te responder.

Para conhecer

Show de Física

As demonstrações interativas deste e outros conceitos físicos são apresentados gratuitamente a grupos de estudantes no *Show de Física* da USP, uma atividade lúdica, desafiadora, curiosa e de aspecto mágico que trabalha com o lado emocional dos estudantes para o aprendizado. Para saber mais e realizar agendamentos acesse:

web.if.usp.br/showdefisica/node/1

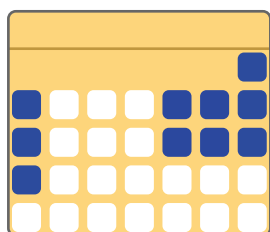
Equipamentos como o Gerador Eletrostático de Van de Graaff e a Máquina de Wimshurst também são demonstrados ao público no Parque CienTec da USP (veja o ensaio fotográfico na página 28).

Agenda

A USP oferece uma rica programação de eventos culturais abertos a todos os públicos, sem necessidade de vínculo com a universidade. São cursos, palestras, apresentações musicais, teatro, cinema e exposições, em sua maioria gratuitos e disponíveis em espaços localizados em diferentes pontos de São Paulo.

Nessa seção da Revista **USP INTEGRAÇÃO**, você confere alguns dos destaques. A programação completa para esse e outros períodos pode ser consultada no site da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária: cultura.usp.br

Para acompanhar a agenda semanalmente, você também pode sintonizar o quadro Caminhos da Cultura, veiculado todas as quintas-feiras a partir do meio-dia, no programa Via Sampa da Rádio USP (93,7 FM ou radio.usp.br).



até 16

TUSP – O QUE MANTÉM UM HOMEM VIVO

Oferecida pela companhia Teatro Promíscuo no Teatro USP, a peça montada a partir dos textos de Bertolt Brecht dissecar valores caros à humanidade, como o amor, a bondade e a justiça, em uma narrativa crítica com relação ao autoritarismo e seus efeitos nos indivíduos e na sociedade.



Foto: Luísa Bonin

📍 **Teatro da USP | R. Maria Antonia, 294, Vila Buarque, São Paulo – SP**

💰 **R\$ 20**

🕒 **Quinta a sábado, 20h30; Domingo 18h30**

📞 **Informações: 11 3123 5222 | tuspmkt@usp.br**

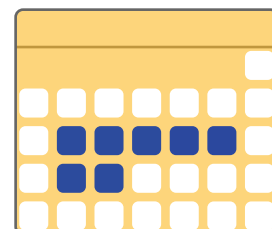
🎫 **Os ingressos podem ser adquiridos na bilheteria do TUSP ou pelo site: bit.ly/homemvivo**



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

INSCRIÇÕES – USP60+

Interessados com 60 anos ou mais, independente do vínculo com a universidade, podem cursar gratuitamente disciplinas regulares, oferecidas nos cursos de graduação da USP, e atividades complementares nos campi da capital e do interior.

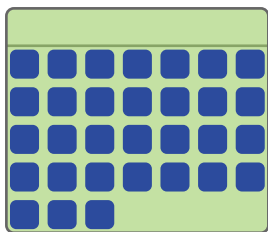


até 18

💰 **Grátis**

📞 **11 3091 9183 | usp60@usp.br**

🕒 **O período padrão para as inscrições vai do dia 10 ao dia 18 de fevereiro, contudo, verifique as datas de cada curso no site: extensao.usp.br/usp60**



até 31

INSCRIÇÕES – CORALUSP

Inscrições abertas para novos membros para os 15 grupos e 2 oficinas em vários bairros de São Paulo. Os grupos abordam diversos estilos musicais, entre eles rock, música popular brasileira, black music, música erudita, jazz e soul, entre outros. As inscrições são destinadas a todas as idades e não é necessário ter vínculo com a USP.



Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

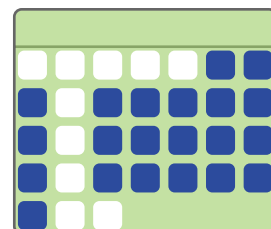
- 🆓 **Grátis**
- 📞 **Informações: 11 2648 1501**
- 🌐 **Inscrições pelo site: e.usp.br/f4o**



Foto: Divulgação/Matemateca

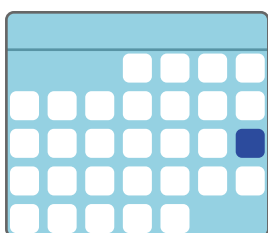
EXPOSIÇÃO MATEMÁTICA: UM NOVO OLHAR

Exposição de comemoração do Dia Internacional da Matemática com o acervo da Matemateca - IME USP. Conta com peças que exploram aspectos lúdicos, desafiadores e instigantes da matemática de forma lúdica e dinâmica para todos os públicos.



6 a 29

- 📍 **Centro Universitário Maria Antonia – Edifício Rui Barbosa | R. Maria Antonia, 294, Vila Buarque, São Paulo – SP**
- 🆓 **Grátis**
- 🕒 **Terça a domingo, 10h às 18h**
- 📞 **11 3091 1884 | matemateca@ime.usp.br**



dia 18

OSUSP – SÉRIE SALA SÃO PAULO


O concerto de abril da Série Sala São Paulo de 2020 da Orquestra Sinfônica da USP (Osusp) terá regência de Wagner Polistchuck e apresentará, além de uma música em quatro pianos, composições de Mozart (1756-1791), Prokofiev (1891-1953) e Bach (1685-1750).



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

- 📍 **Sala São Paulo | Praça Júlio Prestes, 16, Campos Elíseos, São Paulo – SP**
- 💰 **a partir de R\$ 15**
- 🕒 **Sábado, 21h**
- 📞 **11 3091 3000**

Quer **Você** conhecer a **USP**?



O Giro Cultural USP é um programa da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo criado com o objetivo de estimular a divulgação da grande riqueza do patrimônio arquitetônico, artístico e cultural – material e imaterial – da USP, muitas vezes, desconhecida pela própria comunidade uspiana e pelo público que frequenta a Universidade.

Agende uma visita e venha conhecer a USP!

Informações e inscrições

11 3091 1190

girocultural@usp.br

facebook.com/girocultural

#vemprausp

Conheça a Pró-Reitoria

CENTROS DE CULTURA E EXTENSÃO

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Diretor Carlos Alberto de Moura Zeron
Vice-Diretor Alexandre Macchione Saes
📍 R. da Biblioteca, 21 – Cidade Universitária | São Paulo
☎ (11) 2648-0310
✉ bbm@usp.br
🌐 www.bbm.usp.br

Centro de Preservação Cultural - Casa de Dona Yayá

Diretora Martha Marandino
Vice-Diretora Simone Scifone
📍 R. Major Diogo, 353 – Bela Vista | São Paulo
☎ (11) 2648-1501
✉ cpcpublic@usp.br
🌐 www.usp.br/cpc

Cinusp Paulo Emílio

Diretor Cristian da Silva Borges
Vice-Diretora Cecilia Antakly de Mello
📍 R. do Anfiteatro, 181, Colmeia, favo 4 – Cidade Universitária | São Paulo
☎ (11) 3091-3540
✉ cinusp@usp.br
🌐 www.usp.br/cinusp

Coral Universidade de São Paulo

Diretor Luiz Ricardo Basso Ballestero
Vice-Diretora Márcia Hentschel
📍 R. da Praça do Relógio, 109 – Cidade Universitária | São Paulo
☎ (11) 3091-3930
✉ coralusp@usp.br
🌐 www.coralusp.prceu.usp.br

Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos

Diretora Beatriz Pacheco Jordão
Vice-Diretor Lelio Luiz de Oliveira
📍 R. Alan Ciber Pinto, 96 – Vila São Jorge | Santos
☎ (13) 3229-2703
✉ ruinasengenho@usp.br
🌐 www.engenho.prceu.usp.br

Centro Universitário Maria Antonia

Diretora Lucia Maciel Barbosa de Oliveira
Vice-Diretor Sérgio Ricardo de Carvalho Santos
📍 R. Maria Antonia, 258 e 294 – Vila Buarque | São Paulo
☎ (11) 3123-5202
✉ secretariama@usp.br / imprensama@usp.br
🌐 www.mariantonia.prceu.usp.br

Orquestra Sinfônica da USP

Diretor Fábio Cury
Vice-Diretora Mayra Moraes
📍 R. da Praça do Relógio, 109, Anexo PRCEU – Cidade Universitária | São Paulo
☎ (11) 3091-3000
✉ sinfonica@usp.br
🌐 www.usp.br/osusp

Parque CienTec

Diretor Flavio Augusto de Souza Berchez
Vice-Diretora Alessandra Fernandes Bizerra
📍 Av. Miguel Stéfano, 4200 – Vila Água Funda | São Paulo
☎ (11) 5077-6312
✉ parquecientec@usp.br
🌐 parquecientec.usp.br

Teatro da USP

Diretor Sérgio Ricardo de Carvalho Santos
Vice-Diretora Maria Helena Franco de Araújo Bastos
📍 R. Maria Antonia, 294 – Vila Buarque | São Paulo
☎ (11) 3123-5233
✉ tuspmkt@usp.br
🌐 www.usp.br/tusp

PROGRAMAS USP-COMUNIDADE

Coordenadora Ana Lúcia Pompéia Fraga de Almeida
📍 R. do Anfiteatro, 181, Colmeia, Favo 3 – Cidade Universitária | São Paulo
✉ usp.comunidade@usp.br

USP Aproxima-Ação

Coordenadora Ana Estela Haddad
☎ (11) 3091-9182
✉ aproxima@usp.br

Giro Cultural USP

Coordenador Ricardo Ricci Uvinha
☎ (11) 3091-1190
✉ girocultural@usp.br

Nascente USP

Coordenador Luiz Claudio Mubarak
☎ (11) 3091-3277
✉ nascente@usp.br

USP 60+

Coordenador Egidio Lima Dorea
☎ (11) 3091-9183
✉ 3idade@usp.br

USP e as Profissões

Coordenadora Dionísia Aparecida Cusin Lamônica
☎ (11) 3091-3511
✉ uspprofi@usp.br

USP Aproxima Escola

Coordenador Fabio Rodrigues
☎ (11) 3091-3513
✉ usp.aproxima.escola@usp.br

Incubadora Tecnológica USP de Cooperativas Populares

Coordenador Reinaldo Pacheco da Costa
☎ (11) 3091-4400
✉ itcp@usp.br

USP Legal

Coordenadora Ana Lúcia Pompéia Fraga de Almeida
☎ (11) 3091-4155
✉ usplegal@usp.br

USP Diversidade

Coordenadora Ana Paula Moraes Fernandes
☎ (11) 3091-9185
✉ diversidade@usp.br

CURSOS E ATIVIDADES

Consulte os Cursos de Extensão da USP no site
🌐 www.prceu.usp.br/cursos



pró-reitoria de cultura
e extensão universitária



Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Rua da Reitoria, 374 - 3º andar
Cidade Universitária - São Paulo, SP
05508-220
tel.:(11) 3091-3250